

Teatro São João

24/11/68



O A S S A T O
P A R A
U M A
N E G R A

IMPRÓPRIO
ATE 18 ANOS

WILLIAM FAULKNER
ADAPTAÇÃO DE ALBERT CAMUS

SBAT

DIREITOS DE REPRESENTAÇÃO

VISTO Nº _____

PÓRTO ALEGRE 16 / 10 / 68

PELA SBAT

*Representações sujeitas
ao prévio pagamento do
Direito Autoral*

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

P E R S O N A G E N S :



GOWAN STEVENS

GAVIN STEVENS

O GOVERNADOR

SR. TUBBS (CARCEREIRO)

PETER

TEMPLE STEVENS

NANCY MANNIGOE

IMPRÓPRIO
ATÉ 18 ANOS

1ª QUADRO

(O TRIBUNAL: 17,30, dia 13 de novembro. A cortina está baixada, quando progressivamente a ribalta se ilumina, ouve-se:)

Voz de homem

(Atrás da cortina.) - Acusada, levante-se !

(A cortina sobe, ao mesmo tempo que a acusada, no banco dos réus. Vê-se aporecer uma parte do tribunal. - O Tribunal não ocupa toda a cena, mas unicamente a metade superior da esquerda, deixando na obscuridade a outra metade, assim como a parte inferior do quadro da cena. O cenário visível é, pois, não somente delimitado pelos raios dos projetores, como também ligeiramente mais elevado em relação ao nível do palco. - Vê-se só uma parte da sala de sessões: a barra do tribunal, o juiz, os oficiais de justiça, os advogados das partes, o júri. O advogado de defesa é Gavin Stevens, homem de cerca de 40 anos. - A acusada está de pé. É uma negra de 30 anos - quer dizer, que pode ter qualquer idade entre vinte e quarenta - de rosto calmo, impenetrável, quase sonhador. Parece ser muito alta. - Domina a assistência. Todos se voltam para ela, que entretanto não olha ninguém. Com os olhos erguidos, contempla fixamente um ponto distante, na outra extremidade da sala das sessões, como se estivesse sôzinha. - Um silêncio de morte reina na sala. Todos a observam.)

JUIZ

Nancy Mannigoe, antes que o tribunal pronuncie a sentença, tem alguma coisa a acrescentar à sua defesa ?

(Nancy não responde, em se move. Parece mesmo não escutar.)

JUIZ

Lembre à acusada que a lei a autoriza a falar somente antes do pronunciamento da sentença. Não tolerarei nenhuma incidência. Portanto, se tem alguma coisa a dizer, fale agora.

(NANCY NÃO SE MOVE.)

JUIZ

Senhor advogado de defesa, quer ter a bondade de repetir à sua constituinte o que acabo de dizer ? Peço que o faça com cuidado. A acusada já perturbou o início da sessão de julgamento, ao responder que se considerava culpada, enquanto o senhor anunciou que advogava a sua inocência. Parece que não conseguiu levá-lo a compreender o que devia responder. Gostaria que o senhor fizesse entender melhor e a sentivesse numa atitude respeitosa após o pronunciamento de sentença.

STEVENS

Nancy, o tribunal previne a você que não deve dizer coisa alguma depois de dada a sentença. Você não deve falar, absolutamente. Se tem alguma coisa a dizer, diga agora.

(NANCY PERMANECE IMÓVEL.)

STEVENS

Lembre-se, Nancy. O tribunal tem suas leis. Eu sei por que você disse "culpada", quando muitas vezes repeti que era preciso dizer "inocente".



Eu sei o que você quer dizer. Mas agora o processo está encerrado. Daqui a pouco, na prisão, você pensará e dirá o que quiser, tudo o que tem no coração, que eu conheço e compreendo. Mas aqui você deve ficar calada depois da sentença. Se quer falar, fale agora. Você compreendeu?
(NANCY OLHA-O E SE CALA.)

JUIZ

(IMPACIENTE.) - Ela compreendeu?

STEVENS

Tanto quanto uma alma sofredora e confiante passa compreendendo a realidade que a abate, ela compreendeu, Excelência!

JUIZ

Então passo a ler a sentença. Considerando que a acusada Nancy Man-
nigoo, aos treze dias do mês de setembro, assassinou, proposital e deli-
beradamente, uma criança, filha do casal Gowan Stevens, na cidade de
Jefferson, este tribunal sentencia que a dita acusada deve ser conduzida
à prisão da sede do distrito e si, aos treze dias do mês de março, deve
ser enforcada pelo pescoço até sobrevir a morte. Deus tenha piedade de
sua alma!

NANCY

(MUITO CALMA, SEM SE MOVER, SEM DIRIGIR-SE A QUALQUER PESSOA, COM UMA VOZ
QUE HESSOA NO SILÊNCIO.) - Sim, senhor! Obrigada, senhor!

(OUVE-SE UMA ESPÉCIE DE EXCLAMAÇÃO ABAFADA, QUE TRADUZ A ESTUPEFAÇÃO
DOS ESPECTADORES INVISÍVEIS DA SALA DE SESSÕES DO TRIBUNAL, ESCANDALIZADOS
PELA INCRÍVEL VIOLAÇÃO DAS REGRAS PROCESSUAIS: O COMEÇO DE ALGUMA COISA
QUE PODERIA SER CONSTERNAÇÃO OU MESMO TUMULTO, NO MEIO DO QUAL, OU MELHOR,
ACIMA DO QUAL, NANCY PERMANECE IMPASSÍVEL. O JUIZ BATE O MARTELO, O OFI-
CIAL DE JUSTIÇA SE LEVANTA PRECIPITADAMENTE, A CORTINA COMEÇA A BAIXAR
DEPRESSA E AS SACUDELELAS, COMO SE O JUIZ, OS GUARDAS, O TRIBUNAL A PUXAS-
SEM - DE CIMA FRENÉTICAMENTE, A FIM DE DISSIMULAR AOS OLHOS ESSE INCIDENTE
ESCANDALOSO. DE ALGUM LADO, DO MEIO DOS ESPECTADORES INVISÍVEIS, SOBE UMA
VOZ DE MULHER - UM GEMIDO, UM LAMENTO, UM SOLIÇO, TALVEZ.)

JUIZ

Silêncio! Silêncio! Façam evacuar a sala.

(SOA UMA SIRENE ESTRIDENTE, A CORTINA BAIXA RÁPIDAMENTE, ESCONDENDO A
CENA.)

FIM DO 1º QUADRO



SEGUNDO QUADRO

(A 13 DE NOVEMBRO, SÃO 18 HORAS. A CORTINA LEVANTA-SE SUAVEMENTE MOSTRANDO O "LIVING-ROOM" DO JOVEM CASAL STEVENS. AO CENTRO, MESA SOBRE A QUAL HÁ UMA LÂMPADA; CADEIRAS; AO FUNDO, À ESQUERDA, UM CANAPÉ COM CASTIÇAL, APLIQUES; À ESQUERDA, PORTA DE ACESSO AO VESTÍBULO; À DIREITA, PORTA DE DOIS BATENTES ABERTOS, MOSTRANDO A SALA DE JANTAR; À DIREITA, CHAMINÉ, GUARNECIDA DE TUBOS QUE FUNCIONAM A GÁS. HÁ NA PEÇA UMA AERECIDADE DE ELEGÂNCIA, DE MODERNISMO; NO ENTANTO, A SALA PARECE PERTENCER A UMA OUTRA ÉPOCA. A JULGAR PELA ALTURA DO TETO, AS SANCAS, PARTE DO MOBILIÁRIO, PARECE FAZER PARTE DE UMA CASA ANTIGA.)

SUVE-SE RUMOR DE PASSOS, DEPOIS AS LÂMPADAS SE ASCENDEM, COMO SE ALGUÉM, AO ENTRAR, TIVESSE APERTADO O COMUTOR. A PORTA DA ESQUERDA ABRE-SE. TEMPLE APARECE, SEGUIDA DE GOWAN, SEU ESPÓSO E DO ADVOGADO GAVIN STEVENS. TEMPLE É UMA JOVEM DE CÉRCA DE 25 ANOS, MUITO ELEGANTE, CUIDADA, VESTIDA COM UM "MANTRAU" DE PELE QUE ELA USA ABERTO, CHAPÉU, LUVAS, BOLSA. PARECE NERVOSA, TENSA, MAS DOMINA-SE. SEU ROSTO É SEM EXPRESSÃO, ENQUANTO ELA VEM ATÉ A MESA E PÁRA. GOWAN É TRÊS OU QUATRO ANOS MAIS VELHO. HAVIA MUITOS HOMENS COMO ELE NO SUL DOS ESTADO UNIDOS, ENTRE AS DUAS GRANDES GUERRAS: FILHOS ÚNICOS DE PAIS RICOS, QUE HABITAVAM APARTAMENTOS MOBILIADOS NOS HOTÉIS DAS GRANDES CIDADES, FREQUENTAVAM AS MELHORES UNIVERSIDADES, DO SUL E DO ESTE, SÓCIOS DOS MAIS COTADOS CLUBES ESPORTIVOS. HOJE CASADOS E CHEFES DE FAMÍLIA, DESINCUMBEM-SE DE SUAS OBRIGAÇÕES EM POSTOS QUE NÃO SOLICITAREM; TRATAM, EM GERAL, DE QUESTÕES FINANCEIRAS: COTAÇÕES DE ALCOÓDIO, VOLÓRES, OBRIGAÇÕES. MAS O ROSTO DO NOSSO PERSONAGEM É LIGEIRAMENTE DIFERENTE. ALGUMA COISA ACONTECEU E ISTO SE LÊ EM SEU SEMBLANTE - UMA TRAGÉDIA - ALGUMA COISA CONTRA A QUAL GOWAN NÃO FÔRA PREVENIDO, QUE NÃO ESTAVA PREPARADO PARA DEFRONTAR, ALGUMA COISA, ENTANTO, QUE ELE ACEITOU E PARA QUE PROCURA, REALMENTE, SINCERAMENTE, SEM EGOÍSMO (TALVEZ PELA PRIMEIRA VEZ), A MELHOR SAÍDA, DE ACÓRDO COM O SEU CÓDIGO DE MORAL. GOWAN E STEVENS VESTEM SOBRETUDOS E TRAZEM CHAPÉUS NAS MÃOS. STEVENS, LOGO QUE ENTRA NA SALA, PÁRA IMEDIATAMENTE. GOWAN, DE PASSAGEM, ATIRA O CHAPÉU SOBRE O CANAPÉ E SE DIRIGE A TEMPLE QUE, JUNTO À MESA, TIRA AS LUVAS.)

TEMPLE

(TOMA UM CIGARRO NUMA CAIXA COLOCADA SOBRE A MESA; IMITA A ACUSADA; SUA VOZ REVELA UM ESTADO DE SOBREEXCITAÇÃO QUE ELA REPRIME E DOMINA.)
- "SIM, SENHOR", "CULPADA, SENHOR", "OBRIGADA SENHOR"; SE ISTO É TUDO QUE SE TEM A DIZER QUANDO SE ESTÁ A UM PASSO DA FÔRÇA, COMO É QUE UM JÚRI CORTÉS NÃO HAVERÁ DE ATENIER A ÊSSES DESEJOS ?

GOWAN

Chega, Temple ! Cale-se agora. Vou acender o fogo e trazer alguma coisa para beber. (A STEVENS) - A menos que Gavin decida, afinal, ser útil e acenda o fogo enquanto faço de mordomo!

TEMPLE

(TOMANDO UM ISQUEIRO) -Vai buscar alguma coisa para beber. Eu me encarrego do fogo, para que o tio Gavin não se creia obrigado a ficar. Afinal, tudo que nêles quer é nos oferecer o seu discursozinho de despedida. " Agora que defendi a assassina de sua filha, e que não pude obter a absol



vição da estranguladora da filha de vocês, vou-me embora. Até a próxima vez!" Bravo! Não é, Gowan? É como se já nos tivesse dito. Pode voltar para casa.

(ELA VAI ATÉ A CHAMINÉ, AJOELHA-SE, ABRE A TORNEIRA E BEBE O ISQUEIRO PRONTO NA OUTRA MÃO.)

GOWAN

(INQUIETO) - Temple!

TEMPLE

(ASCENDENDO O FOGO) - Fosso ou não posso beber?

GOW

GOWAN

Ainda bem! (A STEVENS) - Tire o sobretudo e coloque-o onde puder!

(ELE SE DIRIGE PARA A SALA DE JANTAR. STEVENS, QUE NÃO SAIU DO LUGAR, OLHA TEMPLE.)

TEMPLE

(SEMPRE AJOELHADA, VOLTANDO-SE DE COSTAS PARA STEVENS.) - Se você fica, sente-se. Se você não se sente, vá embora. Prefiro a segunda solução. A justa dor da mãe, a satisfação de saber vingado o crime, é um gênero de prazer que a gente deve saborear sozinha. Não achas? - - -

(STEVENS OBSERVA-A. Depois, avança em direção a ela, tira um lenço do bolso, imobiliza-se diante de Temple, estendendo o lenço diante de seus olhos. Ela olha o lenço, depois levanta os olhos para Stevens. O rosto de Temple é absolutamente calmo.)

TEMPLE

Para quê?

STEVENS

É um bom lenço. Você precisará dele!

TEMPLE

Para quê? Para as fagulhas, no trem? Mas se nós viajamos de avião! Gowan não lhe disse? Sairemos do aeroporto de Memphis à meia-noite. Estaremos na Califórnia amanhã de manhã. Na Califórnia!

STEVENS

De qualquer modo, guarde-o!

TEMPLE

(ENFRENTANDO-O) - Se você veio me ver chorar, é melhor que eu diga logo: Não arranjará nada. Nem isto nem qualquer outra coisa. Não sei bem o que você queria, ao vir até aqui. Aliás, pouco importa. Mas o que quer que seja você não o conseguirá. Ouviu?

STEVENS

Ouvi.

TEMPLE

Quer dizer que você não acredita em mim. (RUMOR PRÓXIMO) - - - Ai vem ele. Também vai perguntar o que você quer, porque nos acompanhou até nossa casa.

STEVENS

Devo dizer-lhe a verdade?

TEMPLE

Escute, tio Gavin. Agora sou eu quem quer lhe fazer uma pergunta. Que é que você sabe, exatamente?



(UMA VEZ QUE GOWAN APARECE, ELA MUDA DE ASSUNTO, NO MEIO DA FRASE, COM TANTA NATURALIDADE QUE NINGUÉM AO ENTRAR NESSE INSTANTE PODERIA PERCEBER)

TEMPLE

Afinal, você é o advogado dela! Ela com certeza lhe fez uma cozinômana, quando assassina uma criança, deve ter, para essa aparência dum explicação!

GOWAN

Há te disse que não fales mais nisso!

(ELE TRAZ UMA BANDEJA COM UMA GARRAFA D'ÁGUA, UM BALDE, DOIS COPOS JÁ CHEIOS DE UÍSQE E TRÊS CÁLICES DE MEDIR, VAZIOS. A GARRAFA DE UÍSQE EMERGE DO BÓLSO DE SEU SOBRETUDO. ELE SE APROXIMA DE TEMPLE E LHE APRESENTA A BANDEJA.)

GOWAN

Sirva-se. Vou beber um copo, também. O primeiro. Depois de oito anos. Por que não?

TEMPLE

Por que não?

(ELA SEGURA UM DOS COPOS CHEIOS DE UÍSQE. ELE OFERECE A BANDEJA A STEVENS, QUE RETIRA O SEGUNDO COPO. DEPOIS, COLOCA A BANDEJA SOBRE A MESA E SERVE-SE DO TERCEIRO COPO)

GOWAN

Há oito anos que não bebo uma gota de álcool. Já faz bem oito-anos, não? Agora é a hora de recomeçar - ou nunca mais. De qualquer modo, já não é seu tempo. (A STEVENS) - Esvazie logo o seu copo. Quer um pouco d'água?

(ELE RECOLOCA O COPO NA MESA, SEM TÊ-LO BEBIDO, EM CIMA DA BANDEJA; DERRAMA ÁGUA DA GARRAFA NUM DOS COPOS DE MEDIR, OFERECE-O A STEVENS NO MOMENTO EM QUE ÉSTE ESVAZIA SEU COPO E O POE SOBRE A MESA. STEVENS TOMA O COPO DE MEDIR; TEMPLE TAMBÉM NÃO BEBEU)

GOWAN

E agora, doutor-Stevens, talvez o advogado da defesa nos queira dizer o que veio buscar aqui.

STEVENS

Sua mulher já o disse. Vim dizer-lhe adeus.

GOWAN

Fois adeus. Mas beba antes um outro uísque. Afinal de contas nós sabemos viver. Depois, pode ir-se embora.

(ELE TOMA O COPO DE MEDIR DE STEVENS, VOLTA À MESA)

TEMPLE

(COLOCANDO NA BANDEJA O-COPO EM QUE NÃO BEBEU) - Decerto. Aliás ele não tem intenção de ficar, já que está bebendo de sobretudo!

GOWAN

(TOMA A GARRAFA QUE TEM NO BÓLSO E PREPARA UM UÍSQE E SODA PARA STEVENS NO COPO DE MEDIR) - Por que não? Se teve força bastante no tribunal para levantar o braço e defender uma negra que matou sua própria sobrinha, pode erguê-lo, vestido com um simples sobretudo de lã, para brindar com a mãe! (MOVIMENTO DE TEMPLE) - Eu sei, Temple: devia dominar-me. Mas talvez seja melhor falar e dizer tudo, até nos sentirmos libertados, pelo menos por algum tempo, embora por pouco tempo!..

TEMPLE

(OBSERVA ATENTAMENTE, NÃO GOWAN, MAS STEVENS, QUE A OBSERVA TAMBÉM, GRAVE, SEVERO) - Isto! Instaleno-nos. E espero que tio Stevens também faça um brinde com você, meu caro!

GOWAN

(PREPARANDO O UÍSCQUE) - Claro que brindará. Nada o perturba. Aliás, não que haveria de ter piedade do pai? Aos olhos de lei, homem não sabe. A lei só tem piedade para com as mulheres e as crianças, principalmente para com as mulheres e sobretudo para com as prostitutas negras, que assassinam os filhos dos brancos.

(ESTENDE O COPO A STEVENS, QUE O SEGURA)-

-Logo, por que esperar que Stevens, advogado de defesa, tenha piedade dum homem e duma mulher que por acaso são seus sobrinhos e pais da criança que mataram?

TEMPLE

(DURA) - Agora chega, Gowan!

GOWAN

Perdão. (VOITA-SE PARA ELA VÊ QUE ELA ESTÁ COM AS MÃOS VAZIAS)
- Você não bebe?

TEMPLE

Não, obrigada. Gostaria de beber leite.

GOWAN

Leite? Muito bem. Quente, é claro?

TEMPLE

Sim, se te agrada.

GOWAN

Agrada. Botei uma panela para esquentar quando fui buscar a bebida. Decididamente, eu penso em tudo. (DIRIGE-SE PARA A PORTA DA SALA DE JANTAR) - É propósito: não deixe o tio sair antes que eu volte. Se for preciso, fecho a porta a chave. (SAI)

(TEMPLE E STEVENS NÃO SE MOVEM, ATÉ O MOMENTO EM QUE SE ESCUTA FECHAR A PORTA DE DENTRO)

TEMPLE

RÁPIDA, RÍSPIDA) - Que é que você sabe? (MAIS DEPRESSA) - Não minta! Você bem vê que não há tempo a perder!

STEVENS

Tempo a perder? Por que? Porque o avião sai esta noite? Mas Nancy, coitada, tem tempo. Quatro meses, de hoje a março... O enforcamento será a 13 de março.

TEMPLE

Você sabe muito bem o que eu quero dizer... O advogado dela pode vê-la todos os dias... Uma negra, você, um branco... Você poderia tê-la feito falar. Metendo-lhe medo. Comprando-a com uma pitada de cocaína, ou um copo de álcool.

(ELA SE CALA BRUSCAMENTE, FIXANDO STEVES NOS OLHOS, COMO SURPREENDIDA, OU DESESPERADA; SUA VOZ BAIXOU ATÉ SER APENAS PERCEPTÍVEL)

TEMPLE

Deus do Céu! Então ela não te disse nada? Não acredito. Então você não sabe nada, sou eu, eu, que devo falar? Não, isto é que não



Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

acredito... é impossível...

STEVENS

Impossível ? Você acha ? Pois bem: não. Ela não disse nada.

TEMPLE

Não acredito. Mas isto não importa. Que é que você pensa que sabe? Pouco importa de quem o soube. Diga-me somente como é que imagina que as coisas se passaram.

STEVENS

Havia um homem em sua casa, naquela noite !

TEMPLE

(AGUÇA O OUVIDO PARA O LADO DA PORTA DE DENTRO E DEPOIS DÁ UM PASSO EM DIREÇÃO A STEVENS) - Pois bem ! Não ! Não havia homem algum em casa, naquela noite. Eu nego - até o fim. Compreendo ? Você não arrancará nada de mim. Naturalmente, você podia ter-me chamado como testemunha, ter-me feito prestar juramento. Embora os jurados não gostassem muito dessa prova imposta por prazer a uma mãe santamente aflita. Mas você seria bem capaz disso... (MUDANDO O TOM) - Perdão, tio Gavin. Lamento. Você vê, isto é que é impossível: Não posso falar ! (A PORTA DE DENTRO BATE)

- Mas vou deixar você sozinho com Gowan. Sim, vou deixá-los sós, vou subir a escada, vou esperar em meu quarto. Vocês dois têm muito a dizer ao outro, estou certa.

(ELA SE CALA. GOWAN ENTRA, TRAZENDO UMA PEQUENA BANDEJA COM UM COPO DE LEITE. APROXIMA-SE DA MESA)

GOWAN

De que é que vocês falavam ?

TEMPLE

De nada. Eu dizia ao tio Gavin que ele tinha o ar dum daqueles cavalheiros de antigamente, na Virgínia, alguma coisa que você tem também e que vocês dois devem achar nos seus antepassados... (ELA OS OLHA) .. Balos antepassados. Vou dar banho e jantar a Bucky.

(TOCA O COPO, PARA VER SE ESTÁ QUENTE. SEGURA-O) - Obrigada, querido.

GOWAN

(A STEVENS) - Vê ? Exatamente a temperatura certa. Um serviço perfeito ! Aí está como fui ensinado.

(ELE SE CALA SÚBITAMENTE, OBSERVANDO TEMPLE, QUE, APARENTEMENTE, NADA FEZ, NÃO SE MEXEU, CONTINUA ALI, DE PÉ, COM O COPO NA MÃO. - ELE SE ADIANTA. BRIJA-LA. ELA RECEBE O BEIJO, RÍGIDA. DEPOIS, LEVANDO O LEITE, TEMPLE GANHA A PORTA DO VESTÍBULO, FALA A STEVENS)

TEMPLE

Ades, Tio Gavin. Não voltaremos antes de junho.

STEVENS

A 13 de março, talvez ?

TEMPLE

Não, em junho. Bucky mandará um cartão e você e Maggie. Mas se acontecer quem você consiga saber alguma coisa de novo que possa ajudar Nancy e que seja verdadeira, alguma coisa em que meu testemunho possa ser útil - embora eu não veja o que possa ter com isto - escreva-me. (UM TEMPO) - Se é que há ainda alguma coisa para você saber.

STEVENS

O que ainda não sei é se você é quem pode me dizer.

TEMPLE

(DEPOIS DE UM SILÊNCIO) - Não, eu não, tio Gavin. Por que haveria de falar quando os outros se calam? Se alguém quer ir para o céu, quem sou eu para impedir? Boa noite!

(ELA SAI; FECHA A PORTA MUITO GRAVE, STEVENS SE VOLTA, COLOCA SEU VISQUE NA BANDEJA)

GOWAN

É verdadeiramente um prazer ouvir vocês dois falando, com tanta franqueza e afeição, como o tio e sobrinha, que se amam e que nada têm a esconder um do outro. (BRUSCAMENTE) - Quer acabar de beber? Ainda tenho que jantar e fazer as malas.

STEVENS

Você também ainda não tocou no seu copo! Não quer beber comigo?

GOWAN

(SEGURA O COPO CHEIO) - Por que não? Mas seria melhor que você fosse embora e nos deixasse saborear a bela vingança que o tribunal nos ofereceu para substituir nossa filha.

STEVENS

Gostaria que essa vingança lhes servisse de consolo.

GOWAN

Peço a Deus que sim! Peço o Deus! A vingança! Olho por olho, hem? Haverá palavras mais vazias? Mas é preciso ter perdido um olho para sabê-lo!

STEVENS

Você ainda não está vingado. É preciso que Nancy morra.

GOWAN

Por que não? Não é grande perda... Uma mulher da ru, uma vagabunda, uma negra cozinheira...

STEVENS

Uma vagabunda, uma decaída sem futuro, até o dia em que o casal Gowan Stevens, por pura humanidade, a apanhou da sarjeta, por lhe dar uma oportunidade na vida.

(GOWAN FICA IMÓVEL, APERTANDO PROGRESSIVAMENTE OS DEDOS CONTRA O COPO. STEVENS OBSERVA-O)

STEVENS

E ela, como agradecimento...

GOWAN

Basta, Gavin! Vá para casa! Ou vá para o diabo. Vá não importa onde, mas saia daqui!

STEVENS

Eu vou! Num instante. (UM TEMPO) - Gowan, você quis mesmo que Nancy fosse enforcada?

GOWAN

Eu? Não! Não tenho nada com isto! Nem mesmo apresentei queixa, como se diz. Nem mesmo apresentei queixa, como se diz. A única coisa que me liga a este caso, compreende? É que eu passo por ser o pai dessa criança que... Quem diabo pode chamar isto de uísque?



(ATIRA O UÍSQUR COM O COPO NO BALDE DE GÊLO, TOMA VIVAMENTE, COM A MÃO VAZIA, UM DOS COPOS DE MEDIR E AO MESMO TEMPO INCLINA SOBRE ÊSSE A GARRAFA E DERRAMA O LÍQUIDO. ÊLE NÃO FAZ NENHUM RUÍDO, MAS É EVIDENTE QUE ESTÁ RINDO; UM RISO QUE COMEÇA NORMALMENTE, MAS, POUCO A POUCO, DE SEU CONTROLE, TORNA-SE QUASE HIDRÁULICO, ENQUANTO CONTINUA UÍSQUR NO COPO QUE EM BREVE TRANSFORMARÁ. MAS STEVES/ESTENDE A GARRAFA, PARA O GESTO DE GOWAN)

STEVEN

Paré! Paré! Imediatamente!

(ÊLE SE APODERA DA GARRAFA, COLOCA-A SOBRE A MESA, DERRAMA NUM OUTRO COPO UMA PARTE DO UÍSQUR, ESTENDE-O A GOWAN. GOWAN TOMA O COPO, CESSA DE RIR, RECORRA-SE.)

GOWAN

(COM O COPO NA-MÃO, SEM BEBER.) - Oito anos, oito anos sem uma gota de álcool! Já está a recompensa! Minha filha assassinada por uma negra imunda, que nem mesmo quis fugir para que um polícia ou quem quer que seja lhe desse um tiro e a matasse como a uma cadela raivosa! Compreende? Oito anos sem beber e agora recebo o preço da abstinência; já está o que mereci por tão longa virtude. Agora posso beber de novo. Mas não quero mais beber. Logo, tenho ao menos o direito de vir, não? Vale a pena, não? Envolvido num caso de morte, sem querer. A preço reduzido, afinal de contas tinha dois filhos e, como pagamento, exigiram-me apenas um. Uma filha morta e uma negra enforcada em público, já está o que tive de pagar para ser preservado...

STEVEN

Preservado contra o quê?

GOWAN

Contra o passado. Contra a minha insensatez. E aquela bebedeira de há oito anos, você bem sabe. Contra a minha covardia, se quiserem... Oh, sim, há razão de riso. Mas não muito forte, não é? Nem tão alto. Ssst! Ssst! É preciso não incomodar as damas de outros tempos... Incomodar Miss Drake, por exemplo, Miss Temple Drake, hoje Senhora Gowan Stevens. Não se deve acordar uma donzela, nem aquela que eu era então. Covardia, sim! Por que não? Covardia é a palavra justa. Mas desagradável ao ouvido. Digamos simplesmente: cançada.

STEVEN

Quem se lembra desse passado?

GOWAN

De verdade? Vamos, meu caro tio, você não se lembra? Gowan Stevens, aqui presente, educado na Virgínia para portar-se como um "gentleman", mesmo quando bebe e que um dia se embriega como 10 "gentlemen", rapta uma moça dum colégio rural, virgem, sem dúvida, sim por que não? foge com ela para o campo, de automóvel, para ir ver uma partida de futebol, embriega-se como 20 "gentlemen", perde-se no caminho, entope-se de álcool como um regimento de "gentlemen", arrebanha o carro, cai morto de bêbado numa poeira. E, enquanto isto, a moça, sempre virgem, é clara, é levada por um desequilibrado e sequestrada num bordel de Memphis... (ÊLE MURMURA UMA PALAVRA INCOMPREENSÍVEL.)



Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Como?

GOWAN

Sim, sim, de qualquer modo é preciso chamar isto de covardia, mesmo se a palavra soa mal.

STEVENS

Mas assar com ela depois não era covardia.

GOWAN

Claro! Desposá-la à saída do bordel - isto é que é um gesto! Que classe, - que bravura! Um verdadeiro grão-senhor de Virgínia! É pouco! Eu me sentia como um exército de "gentlemen".

STEVENS

Em todo o caso, a intenção era a de um "gentlemen". Mas Gowan, seqüestrada numa casa de prostituição e em seguida... Não entendi bem.

GOWAN

(RÁPIDO, TOMANDO O COPO DE STEVENS) - Jogue fora esse água da barrela!

STEVENS

(EMPUNHANDO O COPO) - Que é que você dizia duma prisioneira numa casa?

GOWAN

Nada mais. Você me ouviu.

STEVENS

Você não acrescentou: "E isto lhe agradava"? (ÊLES SE OLHAM FIXAMENTE) - É isto que você não pode nunca perdoar? Não ter sido a causa inocente desse instante de sua vida que você não pode esquecer nunca, nem explicar, nem recuperar, no qual você não pode mesmo cessar de pensar. Mas somente e sobretudo, porque ela nem mesmo sofreu e ainda por cima sentia prazer? É isto que você não lhe pode perdoar, o ter perdido não só a liberdade, mas a dignidade de homem, o respeito de sua mulher e ainda por cima a sua filha e pagar esse preço terrível por alguma coisa que sua mulher nem mesmo perdeu, nem lastimou, que nem mesmo sentia que lhe faltava? É por isto, diga-me, Gowan, é por isto que essa pobre negra perdida deve morrer?

GOWAN

Saia daqui!

STEVENS

Se é isto, nota uma bala na cabeça! Pare de mexer sempre no que você é capaz de esquecer. Mate-se, ao menos para não precisar lembrar-se mais, para não precisar acordar de noite, banhado em suor, contorcendo-se de angústia, por que você não quer e não pode deixar de se lembrar! Ou então olhe as coisas de frente, de uma vez por todas. E diga-me o que aconteceu durante o mês em que esse louco a manteve presa, na tal casa de Memphis. Que é que aconteceu, que ninguém sabe e não ser você e ela - e talvez nem mesmo você?

(SEMPRE FIXANDO OS OLHOS EM STEVENS, GOWAN, LENTAMENTE, DELIBERADAMENTE, COLOCA O COPO DE UÍSQUE SOBRE A BARREJA, TOMA A GARRAFA, LEVANTA-A ACIMA DA CABEÇA, DA GARRAFA ABERTA O UÍSQUE COMEÇA A CORRER, AO LONGO DE SEU BRAÇO, DA MANGA, ATÉ O ASSOALHO. Gowan não parece perceber-se disto. SUA VOZ É ROUCA, APENAS ARTICULADA)

(11) GOWAN

Oh, Cristo, ajudai-me! Cristo, ajudai-me!

(UM TEMPO, DEPOIS, STEVENS, SEM SE APRESSAR, REPOUSA O SEU PRÓPRIO COPO NA BANDEJA, VOLTA-SE, APANHA O CHAPÉU AO PASSAR PELO DIVÃO, VAI ATÉ A PORTA E SAI. GOWAN PERMANECE, AINDA UM INSTANTE, MANTENDO A GARRAFA EM EQUILÍBRIO, JÁ AGORA VAZIA. DEPOIS, EM SEGUIDA FAZ UMA LONCA ASPIRAÇÃO E UM SOLUÇO MUDO, PARECE VOLTAR A SI, DESPERTAR; COLOCA A GARRAFA SOBRE A BANDEJA, PERCEBE O SEU COPO DE UÍSQVE AINDA TOMA-O POR UM INSTANTE, VOLTA-SE, ATIRA O COPO QUE VAI REBENTAR NA CHAMINÉ CONTRA OS BICOS DE GÁS INCANDESCENTES; A LUZ SE APAGA COMPLETAMENTE)

FIM DO SEGUNDO QUADRO



TERCEIRO QUADRO

(O SALÃO DOS STEVENS, IO HORAS DA NOITE, DIA 11 DE MARÇO. A SALA EXATAMENTE COMO ERA QUATRO MESES ANTES. SÔMENTE, A LÂMPADA DA TAVOLA ESTÁ ILUMINADA E O DIVÃ FOI MUDADO DE LUGAR. AGORA ESTÁ DIANTE DO DIVÃ. AS PORTAS DA SALA DE JANTAR ESTÃO FECHADAS. O TELEFONE ESTÁ COLOCADO SOBRE A PEQUENA MESA, NO ÂNGULO DIREITO. A PORTA DA SALA DE JANTAR SE ABRE. ENTRA TEMPLE, SEGUIDA DE STEVENS. VESSE UM LONGO "PEIGNON" E SEUS CABELOS ESTÃO ATADOS POR UMA FITA, ATRÁS DA CABEÇA, COMO PREPARADA PARA DORMIR. STEVENS ESTÁ DE SOBRETUDO, COM CHAPÉU À CABEÇA. SEU TRAJE NÃO É O MESMO QUE APARECE NA CENA PRECEDENTE. ELA ENTRA, PÁRA. ELE TAMBÉM PÁRA.)



TEMPLE

Cuidado com a porta. Bucky dorme no quarto das crianças.

STEVENS

Você o trouxe também?

TEMPLE

Sim.

STEVENS

E ele dorme no quarto...

TEMPLE

Sim.

STEVENS

Teria sido melhor não colocá-lo lá.

TEMPLE

Mas ele está lá.

STEVENS

(OLHANDO-A) - Chantage, não é, Temple? Você fez de propósito. Mas, de qualquer modo, vamos falar.

TEMPLE

Chantage, sim; por que não? Por que as mulheres não haveriam de servir-se de seus filhos como barricada?

STEVENS

Por que então você voltou de Califórnia?

TEMPLE

Para reencontrar a paz. (ELA SE DIRIGE PARA A MESA) - E no entanto a encontramos. Você crê em coincidências?

STEVENS

Posso crer.

TEMPLE

(ELA APANHA UM TELEGRAMA DOBRADO SOBRE A MESA E ABRE-O) - Você me mandou este telegrama, a 6 de março: "Ainda uma semana até o dia 13. Mas depois onde irá você?"; (ELA DOBRA NOVAMENTE A TELEGRAMA)

STEVENS

Muito bem. Hoje é dia onze. Será uma coincidência?

TEMPLE

Não. A coincidência é esta. (ELA SENTA-SE, STIRA O PAPEL NA MESA, VOLTA-SE PARA STEVENS) - Foi dia 6 de tarde. Estávamos na praia, Bucky e eu. Eu lia, mais para esquecer o telegrama do que qualquer outro motivo e o

menino brincava e tagarelava. De repente, ele me perguntou: Mamão, a Califórnia é longe de Jefferson? Eu disse: "Sim, meu amor", sempre continuando a ler. Ele retrucou: "Quanto tempo vamos ficar aqui?" disse: "Até que a gente se canse, meu querido." Então, ele me chamou e me perguntou suavemente: "Nós vamos ficar aqui até Nancy ser expulsa? Era tarde demais. Eu devia tê-lo esperado, mas era tarde demais." Respon-
di: "Sim querido", sem poder achar outra coisa. E foi ele quem primeiro me falou e me fez esta pergunta, que todas as crianças fazem depois, mamão, onde iremos depois?" Exatamente como você. "Mas depois onde irá você?" - Então, voltamos no primeiro avião. Dei a Gowan um suporífero, para que ele ficasse dormindo, e telefonei a você. Que me dizê disso?

STEVENS

Nada.

TEMPLE

Ainda bem. Por amor de Deus, falemos de outra coisa! (ELA SE APROXIMA DUMA CADEIRA.) - Estou aqui, pouco importa de quem seja a culpa! Que é que você quer? Quer beber alguma coisa? (ELA NÃO LHE OFERECE NADA E NÃO ESPERA QUE ELE RESPONDA) - É preciso salvar Nancy! Vocês me fizeram vir, você e Ducky, vocês me fizeram vir e parece que-há alguma coisa que eu ainda não lhe disse. Mas por que você pensa que há alguma coisa que eu ainda não disse?

STEVENS

Porque você voltou, assim, da Califórnia...

TEMPLE

Não há razão bastante. Além disso, por quê?

STEVENS

PORQUE vocês estavam lá...

(VOLTANDO A CABEÇA, TEMPLE ESTENDE A MÃO PARA A MESA, TATEIA ATÉ ENCONTRAR A CAIXA DE CIGARROS, TIRA UM E COM A MESMA MÃO, PERCORRE A MESA ATÉ ENCONTRAR O ISQUEIRO, E COLOCA TUDO SOBRE OS JOELHOS.)

STEVENS

... na sala de sessões do tribunal, todos os dias. O dia inteiro, desde o primeiro dia...

TEMPLE

(AINDA EVITANDO OLHÁ-LO, COM UM AR PERPETAMENTE INDIFERENTE, LEVA O CIGARRO AOS LÁBIOS E ENLA FAZENDO O CIGARRO DANÇAR A CADA SILABA.) - Eu não era uma mãe cheia de dor...

STEVENS

Certamente, uma mãe cheia de dor...

TEMPLE

...vinda para gozar a vingança, como um tigre, sedenta de sangue, agachada sobre o cadáver do filhote...

STEVENS

Mas uma mãe cheia de dor não tem coragem bastante para a dor e a vingança no mesmo tempo. E como poderia suportar a simples vista daquela que matou sua filha?

(TEMPLE AGARDE O ISQUEIRO, O CIGARRO; RECOLOCA O ISQUEIRO NA MESA. STEVENS SE INCLINA, EMPURRA O CINZEIRO EM DIREÇÃO A ELA.)

TEMPLE

Obrigada. Escute, Gavin. Pouco importa, afinal de contas, o que eu sei e que você pensa que eu sei. Nem mesmo teremos necessidade de conhecer muito. Não precisamos senão duma coisa, um certificado, uma declaração sob juramento, afirmando que ela é louca... Que ela é louca, há muitos anos.

STEVENS

Pensei nisto, é tarde demais. Há cinco meses, talvez... Hoje o processo está encerrado. Ela foi considerada culpada, foi condenada. Perante a lei, está já morta. Perante a lei, Nancy Mannigoe nem mesmo existe mais.

TEMPLE

Nesse que eu assino uma declaração?

STEVENS

Que é que você diria nessa declaração?

TEMPLE

Cabe a você dizer o que convém declarar. - Afinal, você é que é o advogado, ainda que não tenha sido capaz de salvar sua cliente. Ou, se você não pode inventar nada, direi somente que há muitos anos sabia que ele era louco. Se eu, a mãe, o que digo, quem ousará duvidar?

STEVENS

E o perjúrio diante da justiça?

TEMPLE

QUÊ perjúrio?

STEVENS

Depois que a ré foi condenada, você pensa que a principal testemunha da acusação, da acusação - entende? - pode reaparecer para dizer que houve erro e que houve erro e que o processo deve ser anulado?

TEMPLE

(IMPASSÍVEL) - Diga-lhes qualquer coisa, que eu tinha esquecido, que mudou de idéia, ou que o promotor tinha comprado o seu silêncio...!

STEVENS

Temple!

TEMPLE

Diga-lhes que uma mulher cuja filha pequena foi sufocada no berço é capaz de tudo para se vingar. Mas que, quando consegue a vingança, pode compreender que é impossível ir até o fim, sacrificar uma vida humana, ainda que essa vida seja duma negra prostituta.

STEVENS

(OLHA-A, DEPOIS DE UM SILÊNCIO.) - Você não quer então que ela morra?

TEMPLE

Já disse a você. Mas, pelo amor de Deus, deixe-me fazer isto. É o menos que eu peço... Não é possível?

STEVENS

Então Drake vai salvar Nancy?

TEMPLE

A senhora Cowan Stevens quer salvá-la.

(ELA OLHA-O FIXAMENTE, SEMPRE FUMANDO, LENTAMENTE, TIRA O CIGARRO DA BÓCA E, SEMPRE OBSERVANDO STEVENS, MEXENDO A MÃO E APAÇA-O NO CINTURO)

STEVENS

Muito bem. Nós nos apresentaremos com uma declaração sob juramento, disse, disse do que a assassina estava louca quando cometeu o crime.

TEMPLE

Sim! Talvez então...

STEVENS

E a prova?

TEMPLE

A prova?

STEVENS

Que prova você apresentará?

TEMPLE

Como posso saber? Que é que se deve colocar numa tal declaração? Que é que se deve colocar, para que ela seja eficaz?

(ELA SE CALA, OLHA STEVENS, ENQUANTO ELE CONTINUA A OBSERVÁ-LA, SEM DIZER COISA ALGUMA, LIMITANDO-SE A OLHÁ-LA ATÉ QUE, PARA TERMINAR, ELA DEIXA ESCAPAR UM GRANDE SUSPIRO, DITO, QUASE UM GEMIDO)

TEMPLE

Ah... que deseja você ainda? Que quer mais?

STEVENS

(CAIRO) -- Quero a verdade! Só a verdade pode tornar eficaz a declaração.

TEMPLE

A verdade? Estamos procurando salvar uma assassina condenada, cujo advogado já admitiu que fracassou. Que é que a verdade tem a ver com isto?

(RÁPIDA, ARGUMENTE) -- Eu disse: nós estamos procurando salvar...! Não, sou eu; a mãe da criança assassinada que procura salvá-la! Não você, o advogado Gavin Stevens, mas eu, a senhora Cowan Stevens, a mãe! Será que você não imagina que sou capaz de fazer qualquer coisa? Qualquer coisa?

STEVENS

Você fará tudo, menos uma coisa que salvará tudo. Esqueçamos que ela vai morrer. Alô, que importância tem isto? Não importa qualquer punhado de fatos duvidosos, não importa qualquer declaração falsa sob juramento -- tudo isto, pode enfrentar a morte. A morte não é nada. O que importa é a justiça. A verdade -- ou então o amor.

TEMPLE

(DURAMENTE) -- O amor! Oh! Meu Deus! O amor!

STEVENS

Pode chegar a isto piedade, se você quiser. Ou coragem. Ou honra. Ou direito ao sono.

TEMPLE

Você me fala de sono, a mim, que há seis anos... Ah, eu lhe peço, deixe-me!

STEVENS

Temple, eu defendi Nancy contra minha própria família, contra todos vocês e quem sou, eu a defendi por seus à justiça. E é só você, daquele que você era, de Temple Drake, que espere essa justiça.



Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

TEMPLE

E eu lhe digo que nem a verdade, nem a justiça têm qualquer coisa com o caso, que de nada posso servir a você. Quando você se apresentar diante da Corte Suprema, terá necessidade, não duma verdade em si, mas duma boa declaração sob juramento, duma declaração que tribunal algum possa contestar.

STEVENS

Nós não vamos nos dirigir à Corte Suprema. (ELA OLHA-O FIXAMENTE) - Mesmo lá, é tarde demais. Se isto pudesse ter sido feito, eu o teria feito, há quatro meses. Temos de nos dirigir ao governador. Hoje, esta tarde!

TEMPLE

Do governador?

STEVENS.

Sim. Eu o conheço. Ele nos escutara. Mas não é certo que ele tenha poderes para salvá-la agora.

TEMPLE

Então, por que procurá-lo? por quê?

STEVENS

Já disse. Pela verdade.

TEMPLE

Somente por este pobre motivo. Simplesmente para que a verdade seja dita, bem claramente, em voz alta, com o número de palavras necessária? Simplesmente para ser dita, para ser escutada, para que qualquer pessoa, pouco importando quem seja, a escute, qualquer estranho a este caso, e quem ele não interesse, a quem terá o direito de ouvir essas palavras pela única razão de ser espês de escutá-las? Vamos, recite, tersine e seu belo sermão e anuncie-me o que devo fazer para salvar minha alma!

STEVENS

Já o fiz. Já expliquei o que você deve dizer para reencontrar o direito de dormir.

TEMPLE

Eu lhe respondi que há seis anos deixei de distinguir a insônia do sono e o dia da noite.

(ELA OLHA-O NOS OLHOS. ELE NAO RESPONDE; APENAS OLHA-A. ELA HESITA. DEPOIS, MOSTRA O QUARTO DAS CRIANÇAS, BAIXA A VOZ)

TEMPLE

Você bem sabe que eu não posso falar, se quiser que o menino que ali está continue a viver em paz. Eu o trouxe para que você pensasse nêlo, justamente no seu sono. Mas você quer acordá-lo também?

STEVENS

Ele dormirá se você reencontrar o sono.

TEMPLE

Não creio. Que pode haver de melhor para a paz deste menino e para seu sono futuro, que enfiar-se a assassina de sua irmã e deixar vir o esquecimento?

STEVENS

Pouco importando o meio e a mentira?

TEMPLE

A mentira morreu com o passado.

Você não creê no que diz.

(TEMPLE VOLTA ATÉ JUNTO À MESA, ACENDE UM CIGARRO, GIRA RESOLUTAMENTE EM DIREÇÃO A STEVENS)



TEMPLE

Fois bem: basta! Faça a sua pergunta!

STEVENS

Quem era o homem que foi aquela noite à sua casa?

TEMPLE

Era Gowan, meu marido!

STEVENS

Gowan não estava na cidade. Ele e Bucky tinham seguido, às seis de manhã, para Nova Orleans.

(ÊLES SE OLHAM)

STEVENS

Foi o próprio Gowan que traiu você, sem o querer. Eu compreendi que você tinha arquitetado essa viagem para que ele e Bucky estivessem ausentes naquela noite. O que, na verdade, me espanta, é que você não tivesse também mandado Nancy passar. (ÊLE PÁRA, COMO SE TIVESSE FEITO UMA DESCOBERTA) - Mas o fez, não é? Você tentou e ela recusou. Sim tenho a certeza! Quem era o homem?

TEMPLE

Se menos prove que havia um homem.

STEVENS

Não posso! Nancy recusou-se a me dizer qualquer coisa que se tenha passado naquela noite!

TEMPLE

Ela recusou? Então, escute-me bem, preste atenção. (ELA ESTÁ DE PÉ, TENHA, RIJA, DIANTE DÊLE, OLHANDO-O NOS OLHOS) - Temple Drake morreu. A virginalzinha que eu era morreu seis anos de Nancy Mannigoe! E se Nancy Mannigoe não tem ninguém mais para salvá-la da fôrca, que Deus valha a Nancy Mannigoe! E agora retire-se!

(ELA OLHA-O FIXAMENTE, UM TEMPO. STEVENS SE LEVANTA, SEM CESSAR DE OBSERVAR TEMPLE; ELA TAMBÉM O OLHA FIXAMENTE. ÊLE DÁ UM PASSO EM DIREÇÃO À PORTA)

TEMPLE

Bom-noite!

STEVENS

(UM TEMPO) - Se você mudar de idéia, telefone-me. Mas lembre-se: a execução será dentro de dois dias. Bom-noite!

(ÊLE VOLTA À CADÉIRA, APANHA O SOBRETUDO, O CHAPÉU, DIRIGE-SE À PORTA DO "HALL", SAI. - QUANDO STEVENS DESAPARECEU, GOWAN SURGE TRANQUILAMENTE À PORTA, EM MANGAS DE CAMISA, SEM GRAVATA, O COLARINHO ABERTO. OLHA TEMPLE. ELA COMPRIME FORTEMENTE AS MÃOS CONTRA AS FACES, FICA UM INSTANTE INÓVEL, DEPOIS DIXA CAIR OS BRAÇOS E SE DIRIGE DETERMINADAMENTE PARA O TELEFONE. GOWAN CONTINUA OBSERVANDO-A. ELA LEVANTA O RECEPTOR.)

TEMPLE

(AO TELEFONE) - 329, fez o favor!

(ELA AINDA NÃO VIU GOWAN; ELE SE APROXIMA TENDO QUALQUER COISA NA MÃO E
FECHADA. ESTÁ EXATAMENTE DETRÁS DELA, QUANDO RESPONDEM AO TELEFONE)

TEMPLE

Alô, Quero falar com o senhor Gavin Stevens... Sim, eu sei. Ele vai chegar.
Quando chegar, tenha a bondade de dizer que ehame a senhora...

(GOWAN SEGURA A MÃO EM QUE ELA TEM O TELEFONE E CORTA A COMUNICAÇÃO; COM
A OUTRA MÃO, ATIRA UM TUBO DE REMÉDIO SOBRE A MESA)

GOWAN

Aí está o teu superior. Por que não me falas do homem que Gavin dizia
estar lá naquela noite? Vamos! Não precisarás fazer muito esforço! Basta
dizer que era um tio de Bucky do qual você tinha se esquecido de me falar!

TEMPLE

(PRIMEIRO INTERDITA, DEPOIS RETOMANDO APARENTE CALMA) - Você me acreditará
se eu disser que não havia ninguém?

GOWAN

Mas claro! Acredito em tudo que você diz! Sempre acreditei em você, não é
verdade? E foi isto que nos levou até onde estamos! Fui mesmo levado a
crer até hoje que tinha achado sozinho essa formidável idéia de fazer uma
pousada em Nova Orleans. Ainda hereditaria nisto, se não tivesse tido a
indiscrição de esutar a sua bela conversa e se o tio Gavin, sem querer, não
me tivesse informado o contrário. Todos o sabiam, é claro, menos eu, natu-
ralmente. Mas está muito bem assim. Fica muito bem pensar que eu sou o único
a ser tão bobo, e único a... Vamos! De qualquer modo, obrigado! Mas
faça um esforço, uma vez ao menos, procure dizer a verdade esta noite!
Talvez Gavin tenha razão, talvez eu não esteja tratando com minha mulher,
mas com uma carga Temple que tu e eu conhecemos bem, e que volta de longe,
não é verdade? Talvez o homem que estava lá, por exemplo, fôsse o verda-
deiro pai de Bucky e que até hoje me deixou na ilusão de que eu é que o
havia gerado... O pai de Bucky, que passava pela cidade naquela noite,
assim, por acaso...

TEMPLE

(VOLTA-SE EM DIREÇÃO AO QUARTO) - Gowan, saia-se!

GOWAN

Não, não tenho modo. Não farei muito barulho, fique tranquila. Não vou te
bater. Nunca bati numa mulher em toda a minha vida, nem mesmo numa puta,
entende? Nem mesmo numa puta de Memphis, ou uma ex-puta de Memphis. E no
entanto, santo Deus conheço pessoas que dizem que há duas espécies de
mulheres em que um homem pode bater: sua mulher e sua puta. E veja que
sorte inarrível a minhas: eu poderia bater nas duas duas só vez, e com uma
só bofetada.

(ELE SE CALA E SE DOMINA VISIVILMENTE; VOLTA-LHE AS COSTAS, DEPOIS FALA,
COM A VOZ MUDADA)

GOWAN

Quer que eu te prepare um "drink"?

TEMPLE

(RIJA) - Não.

GOWAN

(ESTENDENDO-LHE O SEU MAÇO DE CIGARROS) - Um cigarro, se quiser, qualquer

coisa, faça qualquer coisa, não fique plantada assim!

(ELA TOMA UM CIGARRO, QUE FICARÁ EM SUA MÃO, O BRAÇO PENDIDO NA MESA, E O

CORPO SEMPRE RIJO)

Levarei um tentos: pode parar! Agora, vamos recomeçar. Se sonhar não nos compreender, naturalmente. É preciso confessar que não é nada cômodo. Esta noite chovem informações sensacionais! E com todo esse comércio, não será de espantar que tenhamos a cabeça perturbada e não possamos chegar a um acôrdo. Mesmo tratando-se de pergunta mais banal, por exemplo, saber como uma mãe e uma honrada esposa, procedendo de repente, como uma cadala, pode provocar o assassinio de sua própria filha!

TIMPLE

Muito bem. Pressigamos e acabemos com tudo que tínhamos calado até aqui!

GOWAN

DE verdade? Acha que podemos acabar? Acha realmente que há um salário que poderás deixar de pagar um dia, uma última moeda de tua dívida neste mundo que não te viriam cobrar, que pudesses não ter de pagar para que tudo não passasse de um êrro. Pois, foi só um êrro, não? Um simples êrro! Em nome de Deus, vamos rir! Ria!

TIMPLE

(DE MANEIRA VIOLENTA) - Agora chega, Gowan!

GOWAN

Perfeito! Esbofeteie-me! Espanque-me! E talvez eu possa então espancar-te também, e tu poderás começar a me perdoar. Sabas bem? - perdoar-me de tudo isto e sobretudo de minha bebedeira de há oito anos, quando me embriaguei, não porque tivesse desejo de álcool, mas porque tinha medo, porque eu, o mais orgulhoso de colégio, o estudante mais em evidência, presidente do clube universitário de Charlotville, que podia chamar pelo primeiro nome todas as glotonas dos salões de chá de Nova York, tinha medo de não saber o que fazer com os dezesete anos duma meninazinha provinciana do Mississipi, de não saber conversar com uma garotinha que nunca saíra de casa até o dia da formatura. Sim, tomar um pilque para encontrar coragem de te falar, para te persuadir de fugir daquele miserável trem de excursão!

TIMPLE

Você não me forçou!

GOWAN

Como?

Temple

Você não me forçou. Você me fez a proposta e eu aceitei livremente. Você não é responsável!

GOWAN

Quer calar-se? Diga, você vai calar-se? Eu sou responsável! Então, toce a aproveitar! Sim, deixe-me aproveitar, enquanto estou lá. Deixe-me aproveitar, enquanto estou lá. Deixe-me gemer sozinho e tanto quanto me agrada. E você trate de gemer também e verá que nisto se encontra um prazer. E lamente-se do que você imagina que eu tenha repetido para mim mesmo durante esses oito anos: que sem você eu poderia ter casado com uma menina sensata, boa e honesta, que jamais se excitasse senão que o marido tivesse provocado

O cordeirinho espera ainda que haja uma gota de sangue que você não tenha que pagar por tudo o que fez. Assim, você não tocará neste telefone e tudo será possível de novo. Se você o fizer, eu irei embora, para sempre. (TEMPLE SE VOLTA LENTAMENTE PARA O TELEFONE) - Espera. Você poderia acertar suas contas com quem quer que seja durante esses seis dias. Você ainda pode fazê-los: você é livre. Mas se você tocar o telefone e chamar o tio Gavin, será tarde demais e serei eu quem partirá. Você quer que eu vá embora? (ELA NÃO RESPONDE) - Diga que não chamará Gavin, diga, eu suplico!



TEMPLE

Não posso.

GOWAN

Diga, Temple! Nós nos amamos em outros tempos...

TEMPLE

Nós devíamos nos ter amado.

GOWAN

Então, prove-o. Se Nancy deve ser enforcada, deixe-a morrer. Se alguma coisa aconteceu naquela noite, só ela o sabe e você. E se ela própria não quer dizer o que aconteceu, se não quer salvar-se, quem é você para...?

TEMPLE

Não posso.

GOWAN

Temple!

(EELA SE VOLTA E CAMINHA FIRMEMENTE PARA O TELEFONE. GOWAN ADIANTA-SE E PÕE A MÃO SOBRE O RECEPTOR)

GOWAN

Você sabe bem o que eu disse. Irei para sempre.

TEMPLE

(COM UMA VOZ ELTRANHAMENTE TRAQUILA) - Por favor, Gowen, tire a mão. (ELES SE OLHAM. ELE TIRA A MÃO. TEMPLE TOMA O RECEPTOR, LEVA-O AO OUVIDO, ESPERA COM O OLHAR FIXO AO LONGE E DEPOIS) - 329, faz favor...

C O R T I N A

FIM DO 1º ATTO

(UM ÂNGULO DO GABINETE DO GOVERNADOR DO ESTADO, TARDE DA NOITE DE 12 DE MARÇO, CÍRCA DE DUAS HORAS DA MANHÃ. UMA ESCRIVANINHA PESADA MACIÇA, LISA E NUA, APENAS COM UM CINZEIRO E UM APARELHO TELEFÔNICO. ATRÁS DELA UMA POLTRONA DE ENCÓSTO ALTO, PESADA. NA PAREDE, ATRÁS DA POLTRONA, O EMBLEMA OFICIAL DO ESTADO - UMA ÁGUIA, UMA BALANÇA, TALVEZ UM LEMA EM LATIM, SOBRE UM FUNDO DE BANDEIRAS. DUAS OUTRAS POLTRONAS DIANTE DA ESCRIVANINHA, UM TANTO VOITADAS UMA PARA A OUTRA, SEPARADAS PELO COMPRIMENTO DO MÓVEL. A ESCRIVANINHA OCUPA A METADE SUPERIOR DA CENA, À DIREITA, COMO O TRIBUNAL À ESQUERDA NO PRIMEIRO QUADRO.)

O GOVERNADOR ESTÁ DE PÉ, DIANTE DE SUA POLTRONA, ENTRE ELA E A ESCRIVANINHA, DEBAIXO DO EMBLEMA. NEM VELHO, NEM JOVEM, TEM ALGUMA COISA DE ARCANJO GABRIEL. É EVIDENTE QUE FOI TIRADO DA CAMA, ESTÁ DE "ROBE-DE-CHEMBRE", EMBORA USE COLARINHO E GRAVATA E OS CABELOS ESTEJAM BEM PEINHEADOS.)

TEMPLE E STEVENS ACABAM DE ENFERAR. TEMPLE VESTE O MESMO "MANTO" DE PELES, O MESMO CHAPÉU E TRAZ A MESMA BÓLSA USADA NO PRIMEIRO QUADRO. STEVENS ESTÁ VESTIDO EXATAMENTE COMO NO TERCEIRO QUADRO. TEM O CHAPÉU NA MÃO.)

ADIANTEM-SE PARA AS POLTRONAS A CADA LADO DA ESCRIVANINHA)

STEVENS

Obrigado por nos ter recebido, Henry.)

GOVERNADOR

Sejam bemvindos. Sentem-se. (PARA TEMPLE QUE SE SENTA) - A senhora Stevens fuma?

TEMPLE

Sim; obrigada.)

(O GOVERNADOR DÁ A TEMPLE UM CIGARRO E ACENDE-O. DEPOIS, SENTA-SE NA SUA POLTRONA, COM AS MÃOS SOBRE A ESCRIVANINHA, SEGURANDO SEMPRE O ISQUEIRO. STEVENS SENTA-SE NA POLTRONA EM FACE A TEMPLE)

GOVERNADOR

Meu amigo Gavin disse-me ao telefone, minha senhora, que a senhora tem alguma coisa de muito greve a me dizer.)

TEMPLE

SIM.

GOVERNADOR

Estou às suas ordens.)

TEMPLE

Gostaria de saber até onde posso ir.)

GOVERNADOR

Não compreendo.)

TEMPLE

Se o senhor me disser o que já sabe, eu saberei o que me falta dizer.)

GOVERNADOR

A senhora veio de longe, minha senhora, às duas da manhã. Evidentemente há uma razão para isto. E a senhora há de saber melhor do que eu o que a levou a tanto.)

a excitação. (PÁRA, JUNTA AS MÃOS SOBRE O ROSTO) - Oh, nós devíamos nos ter amado, você e eu, devíamos nos ter amado! Será que você não se lembra?

TEMPLE

Sim!

GOWAN

"Sim" e quê?

TEMPLE

Nos devíamos nos ter amado!

GOWAN

(ESTENDENDO-LHE A MÃO) - Venha! Não fique longe de mim!

TEMPLE

(SEM SE MOVER) - Não!

GOWAN

(RETOMANDO-SE) - Muito bem. Então você vai ter o que quer. Havia um homem em nossa casa naquele dia!

TEMPLE

Não havia ninguém!

GOWAN

(SEM ESCUTÁ-LA) - Uma vez que o tio Gavin não o ignora, suponho que todos em Jefferson o sabem, exceto eu, bem entendido! Ainda não vejo o que esse homem tem a ver com o assassinio. Mas talvez Nancy tenha surpreendido você com ele na cama, e tenha matado a criança por ódio, ou por excitação sexual, ou qualquer coisa desse gênero! Ou então talvez não fosse Nancy quem estivesse excitada, mas você, que, na sua febre insana, tenha esquiscido de tirar a criança da cama e do meio de toda essa porcaria... Vê? Vê do que é que eu sou capaz?

TEMPLE

(SACUDINDO A CABEÇA MECÂNICAMENTE, COMO SE NO LIMAR DUMA CRISE) - Não, não não...

GOWAN

Não? De verdade? Devo acreditar? Então fale! Diga que não havia homem algum com você naquela noite!

(ELA SE CALA) - Então? Você pode negar? (ELA CONTINUA CALADA) -

- Muito bem. É melhor assim; fica mais claro. Ao menos você não disse a Gavin o que se passou naquela noite. Tampouco eu quero sabê-lo. E ninguém mais saberá. Nunca. Você está proibida de chamar o tio Gavin. E não concordará em revelar o que quer que seja ao governador ou a qualquer outra pessoa. Você mesmo já o disse e não há nada mais verdadeiro: se, para salvar-se, Nancy deve contar com você, então que Deus tenha piedade dela. Compreendido?

TEMPLE

Não!

GOWAN

Sim, você compreenda. E vou mesmo lhe dar uma oportunidade. Você vê, eu sei sofrer como civilizado. Não somente aceito com resignação as provas a que a merda do céu me submete na sua infinita solicitude, mas sirvo-me delas, é, sim! Para a elevação de minha alma, não é? E para apreender e perdoar as felizes alheias. Um verdadeiro cordeirinho... Então? Pois bem,



Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

TEMPLE

Sei. Mas o que tenho a dizer é penoso. Penoso, sim é isto. E eu gostaria de que o senhor me ajudasse, para... para que seja menos penoso.

GOVERNADOR

(OLHA-A) = Muito bem; fale-me de Nancy Mannigoe. É esta o nome como se soletra?

TEMPLE

Ela não o soletra, não poderia fazê-lo. Ela não sabe ler, nem escrever. O senhor vai enforcá-la sob o nome de Mannigoe e talvez nem saia este o seu nome. Mas depois que ela for enforcada, esse portador perderá sua importância.

GOVERNADOR

De qualquer modo, começa por falar-me dela.

TEMPLE

Não há nada a dizer, a não ser que era uma mulher entregue à prostituição e aos entorpecentes, que meu marido e eu apanhamos na sarjeta para servir de empregada dos nossos filhos. Ela assassinou um deles. Amanhã deve ser enforcada. Nós, quero dizer, seu advogado e eu, viemos aqui para lhe pedir que a salve!

GOVERNADOR

Sim. Eu sei de tudo isto. Mas por que salvá-la?

TEMPLE

Porque eu lhe peço que a salve, eu a mãe da criança que ela matou? Porque eu a perderei!

(O GOVERNADOR OBSERVA-A ATENTAMENTE, STEVENS TAMBÉM. AMBOS ESPERAM. ELA OLHA O GOVERNADOR FIXAMENTE, SEM DESAFIO, CAUTELOSAMENTE)

TEMPLE

Porque ela estava louca!

(O GOVERNADOR A OBSERVA, ELA TAMBÉM O OBSERVA, SOLTANDO PEQUENAS BAPORADAS DE FUMO)

TEMPLE

Compreendo. Não é isto o que lhe interessa. O que lhe interessa, sem dúvida, é saber por que contratei uma tal mulher para tomar conta de meus filhos. Pois bem, digamos que foi para lhe dar ainda uma oportunidade. Afinal de contas, era um ser humano.

STEVENS

Não, Temple, não era este a verdadeira razão.

TEMPLE

(COM TÓDA A SIMPLICIDADE) - Não, não era a verdadeira razão. Por que não posso parar de mentir? Parar de mentir exatamente como a gente pára de correr, ou de beber, ou de comer doces, por que já o fizemos bastante. Mas dir-se-ia que a gente não se cansa nunca de mentir. Bem, de qualquer modo, eu vou lhe dizer a verdadeira razão pela qual contratei Nancy. A verdadeira razão é que eu tinha necessidade dela para encontrar alguém em casa com quem falar. (UM TEMPO) - E agora é preciso que eu lhe diga o resto, para que o senhor saiba por que eu tinha necessidade dela, porque a distinta senhora Drake Stevens não poderá encontrar senão uma prostituta negra para lhe falar na mesma linguagem que ele.

GOVERNADOR

Sin. Diga-nos por que.

TEMPLE

(APAGA O CIGARRO NO CINZEIRO E SE RETOMA; FALA COM UMA VOZ DE UM POU-
COS SACOLEJÕES, MAS SEM EMOÇÃO APARENTE) - Uma prostituta completamente
viciada, incorrigível, condenada por toda a eternidade, que certamente
vivia senão para morrer condenada como assassina, uma mulher perdida,
não chamou a atenção de seus concidadãos a não ser no dia em que, agachada
numa sarjeta, insultava um branco que procurava rebentar-lhe os dentes a
pontapés e meter-lhe os gritos pela garganta a dentro... Você se lembra,
Gavin? Como se chamava ele?

STEVENS

Esqueci. Era o caixa do banco, não era? (AO GOVERNADOR) - Gostava de fazer-
se de virtuoso. (A TEMPLE) - Mas será preciso que você fale nisso?

TEMPLE

Sim, sim. Naquela segunda-feira, de manhã, Nancy, ainda bêbada, chega no
momento em que ele abre a porta do bancodiante de cinquenta pessoas que
esperavam. Ela surge, avança para ele, metendo-se por entre a multidão e
grita: "Então, meu branco, quedê os meus dois dólares?" E o caixa volta-se,
começa a bater-lhe, atira-a fora da calçada, na sarjeta, desaba sobre ela e
pontapés, para esmagar aquela voz que repetia: "Quedê os meus dois dólares?"
até que a multidão compreende e o impede de bater mais naquela bôca negra
que perdia sangue e dentes, e continuava balbuciando: "Você me deve dois
dólares daquela vez, faz quinze dias e depois você voltou..."

(PARA DE FALAR, APERTA POR UM INSTANTE AS DUAS MÃOS SOBRE O ROSTO, E LOGO
AS RETIRA) - Vamos é preciso dizer tudo. Onde é que eu estava?

GOVERNADOR

Nancy dizia: "Você já me deve dois dólares..."

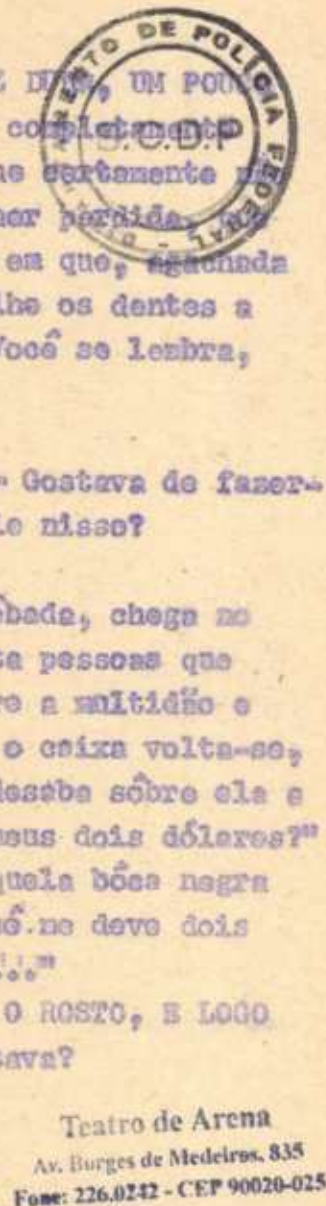
TEMPLE

Dois dólares sim. Mas por que falar tanto? É melhor que eu esgarre toda a
verdade de uma só vez. (ELA RESPIRA, COMO ANTES DE SE ATIRAR À ÁGUA,
DEPOIS FALA) - Dois dólares era a tabela de Nancy Mannigoo. Mas eu vivi
numa pensão de mulheres onde a tabela era bem mais alta. (SILÊNCIO, ELA
PERMANECE IMÓVEL, RIJA, OLHANDO-OS. DEPOIS, COM UM PEQUENO RISO)

- Confissão de uma dama muito distinta, não? Já está como somos, nós as
herdeiras da boa sociedade. (SILÊNCIO) - De qualquer modo, consegui trans-
por essa barreira. Agora, acabou-se, não posso mais parar nem voltar para trás!
Agora é preciso continuar. (SILÊNCIO) - Por que vocês se calam? Ajudem-me.
Falem. Ou gritem nos quatro cantos do Estado o que eu acabo de dizer, para
que o ouça quem tem ouvidos, para que ouçam o que eu nunca, nunca, poderia
crer que alguma força, mesmo a morte de minha filha e a execução duma negra
miserável, me forçariam um dia a dizer.

(O GOVERNADOR OLHA-A EM SILÊNCIO, ELA ESBOÇA UM MOVIMENTO DE SÚPLICA EM
DIREÇÃO A ELE)

Até onde preciso será então que eu vá? Depois de oito anos de segun-
rança, de vida agradável, de esquecimento? Até onde será preciso ir para
que o senhor revogue a sentença. E que possamos voltar para casa e dormir,
ou tentar fazê-lo? Sim, que devo dizer que seja bastante utilitário para
que o senhor aceite atender à súplica?



A morte também é humilhante.'

TEMPLE.

Agora não estamos falando da morte. Estamos falando da vergonha. Nancy Hannigoe não sofre a vergonha. Ela sofre somente porque deve morrer. E é para evitar esse fugitivo sofrimento, esse sofrimento sem importância que eu lhe trouxe, às duas horas horas da manhã, Temple Drake e sua vergonha.'

STEVENS

Continue, Temple.'

TEMPLE

Ele ainda não respondeu a minha pergunta. (AO GOVERNADOR) - Mas onde é preciso que eu vá? Não diga que é preciso que eu diga tudo. Isto já me disseram!

GOVERNADOR

Vou tentar ajudá-la. Eu sei quem era Temple Drake. Uma jovem estudante que certa manhã, há oito anos, deixou a escola - não é verdade? - num trem especial, com suas colegas, para assistir a uma partida de futebol, num outro colégio e que desapareceu do trem, durante a viagem, para reaparecer, seis semanas depois, como testemunha dum processo de assassinio, em Jefferson, apresentada pelo advogado do homem que, soube-se então, a tinha raptado e aprisionado durante todo esse tempo.'

TEMPLE

Numa casa de prostituição em Memphis, não esqueça!

STEVENS

Um instante. Deixe-me esclarecer ao governador o que se passou. Será mais fácil para você. Naquele dia, Temple deixou o trem de excursão com um jovem que a esperava numa estação intermediária. Deviam ir sós, os dois, à partida de futebol; Mas naquele momento o homem tinha bebido bastante, para estar à altura da situação, creio. Bebeu um pouco mais, teve um desastre com o automóvel e acabou entrando com Temple numa casa de contrabandistas de bebidas. O rapaz bebeu até cair; e, enquanto estava assim, ocorreu um crime. O criminoso raptou Temple, que tinha assistido ao crime, e levou-a para a casa a que ela se referiu, em Memphis. É tudo. É preciso, acrescentar que o rapaz do automóvel, o acompanhante de Temple, que deveria tê-la defendido, casou-se com ela depois, como competia a um cavalheiro. É seu sobrinho.'

TEMPLE

Não p' acuse. Foi eu quem desejei aquela fuga.'

GOVERNADOR

Por quê?

TEMPLE

Por que alguém deseja e que é mau? Por que ama o mal, é claro, e se prefere a tudo o mais. De qualquer modo, é preciso admitir que eu amava o mal acima de qualquer outra coisa. E quis fugir sozinha com aquele rapaz que no entanto não me agradava tanto assim.'

STEVENS

Talvez. Mas ele devia protegê-la.'



- TEMPLE

(DURAMENTE) - Para isto casou-se comigo. Deve pagar duas vezes pela mesma coisa? Quando a coisa não valia nem mesmo que se pagasse uma vez?

- GOVERNADOR

Posso fazer-lhe uma pergunta?

(TEMPLE OLHA-O E FAZ SINAL QUE SIM, COM A CABEÇA)

GOVERNADOR

Por que não o trouxe?

TEMPLE

A quem?

GOVERNADOR

Ao seu marido. A senhora se solidariza com ele. Não devia ele estar aqui ao seu lado, também solidário, para que tudo se torne claro entre os dois, de uma vez por todas e para tentarem juntos salvar Nancy Mannigoe?

TEMPLE

Será que estamos mesmo aqui para salvar Nancy? Não sei, não se mais. Antes parece-nos que nós viemos acordá-lo para que o senhor me desse uma boa e leal ocasião de sofrer. O senhor vê bem o que quero dizer: não é sofrer por alguma coisa de preciso, mas simplesmente sofrer, como se respira. Que viria meu marido fazer em tudo isto?

GOVERNADOR

Talvez desejasse compartilhar do seu sofrimento, se realmente é seu marido...

TEMPLE

Para isto seria preciso que ele tivesse compartilhado de tudo comigo.

(ELES SE OLHAM)

GOVERNADOR

Devo concluir daí que a senhora tem alguma coisa a me dizer e que ele não sabe?

TEMPLE

Sim.

STEVENS.

Teria sido melhor dizer-lhe, Temple. Não se vive oito anos sobre uma mentira.

GOVERNADOR

A senhora seria capaz de dizer, se ele estivesse aqui?

(TEMPLE OLHA FIXAMENTE O GOVERNADOR. STEVENS FAZ UM PEQUENO MOVIMENTO QUE ESCAPA À SUA SOBRINHA. NO SILÊNCIO QUE SE FEZ, GOWAN ENTRA, POR DETRÁS DE TEMPLE, QUE NEM O VÊ. ELE SE MANTÉM IMÓVEL NO VISO DA PORTA, DEPOIS, COLOCA-SE MEIO ESCONDIDO ATRÁS DUMA CORTINA)

GOVERNADOR

Imagine que ele esteja aqui, no meu lugar.

TEMPLE

Ele foi-se embora. Não o verá mais.

GOVERNADOR

Mas se ele estivesse aqui, a senhora falaria diante dele?

TEMPLE

Pois bem! Sim! E agora deixe-me falar.

(UM TEMPO) - Por favor, dê-me um cigarro.



(O GOVERNADOR LHE DÁ UM CIGARRO, QUE ELA COLOCA NO CINZEIRO, SEM ACENDÊ-LO; UM TEMPO)

- Eu estava...! sim, eu vi cometerem o crime, ou pelo menos vi a sombra assassino e o assassino se chamava Popaye e me levou para Memphis um velho. Eu sei também - tanto quanto sei que pernas e olhos - que eu tentei pedir alertar outras pessoas com meus gritos, na rua principal das cidadezinhas que atravessávamos, - e eu não fiz. De mesmo modo que eu poderia não ter ido com Gowan, ou ter me afastado do automóvel depois que se espatifou contra uma árvore, sim, eu poderia ter feito parar um caminhão, um carro que me levasse à estação mais próxima, ou ao colégio, ou mesmo diretamente à minha casa, entre meu pai e meus irmãos que sabiam, eles sim, onde estava o mal, onde estava o bem. Mas eu não fiz. Eu não. Temple, não. Tive de escolher o mal, talvez sem o saber. Em resumo: fiquei com Popaye, sem dizer nada, enquanto ele guiava com os olhos fixos, o cigarro metido na boca.

STEVENS

(AO GOVERNADOR) - Sim, ele era repugnante como o próprio mal. Um homenzinho encardido, uma espécie de barata achatada e negra, perversa. Mas era também um desequilibrado. Um anormal, sexualmente impotente. Ela vai dizer isto também.

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

TEMPLE

(A STEVENS) - Meu caro tio Kevin! Sim, também isto, diga também isto! Um perfeito azar. Nem mesmo tive por desculpa a fraqueza da carne. Apesar de impotente, isto às vezes fascina, sobretudo se... Mas não é a carne que é fascinante, a boa, a terna, a perdoável carne. Que importa? Escolhi ficar com o assassino como se não pudesse - não, eu não podia! - separar-me dele. Ele me levou para Memphis. Eu o acompanhei, docilmente. Ele me trançou nessa casa de tolerância da rua Manuel, como uma esposa de dez anos num convento espanhol, com uma patrão de olhos de água, mais previdente que qualquer mãe, e uma criada negra que guardava a porta quando a patroa saía, para ir onde vão as donas de pensão de tarde, dar uma gorjeta à polícia, ou pedir-lhe proteção, ou ao banco, ou às outras pensões, e isto não era nada desagradável porque então a criada abria a porta e entrava, e nós pedíamos... (ELA CAMBALLEIA, UM SECONDO, DEPOIS FALA MUITO DEPRESSA)... falar. Ela tinha perfumes à vontade, mas naturalmente era a dona da pensão que os escolhia, e elas não eram lá muito discretos; mas enfim eu os tinha. Popaye me comprou também uma capa de peles, mas onde usá-la, se não me deixavam sair? Pois, bem, de qualquer maneira eu tinha o casaco, os "poignoirs" e a roupa de baixo escolhidos segundo o gosto de Popaye - que não era sempre igual ao meu. Por que ele queria que eu me sentisse contente? Não apenas contente; ele queria que eu me sentisse feliz. Enfim, aí está, lá chegamos, já que agora é preciso...

(ELA PÁRA DE FALAR, ESTENDE O BRAÇO, TOMA O CIGARRO INTATO DE SOBRE O CINZEIRO, NOTA QUE ELE NÃO ESTÁ ACESO, STEVENS TOMA O ISQUEIRO, COMEÇA A LEVANTAR-SE. O GOVERNADOR, SEMPRE COM OS OLHOS FIXOS EM TEMPLE, FAZ UM GESTO PARA MIMAR STEVENS. STEVENS PÁRA, EMPURRA O CINZEIRO SOBRE A MESA ATÉ QUE ELA PRÓPRIA POSSA ALCANÇÁ-LO E VOLTA A SENTAR-SE. TEMPLE TOMA O ISQUEIRO, ACENDE-O, ACENDE O CIGARRO, FECHA O ISQUEIRO, COLOCA-O NO MESMO LUGAR, MAS, DEPOIS DE

UMA ÚNICA BOFORADA, ELA RECOLETA O CIGARRO SOBRE A BORDA DO CINZEIRO, VOLTA A ACOMODAR-SE NA POLTRONA, RIJAMENTE E RECOMEÇA A FALAR)

TEMPLE

Eu poderia ter descido, a qualquer instante, pela calha, do lado de fora da janela. Acontece apenas que não o fiz. Eu não sabia do meu quarto a não ser tarde da noite, quando Popeye vinha me buscar, num carro fechado, do mesmo dum carro de entérreo. Ele o o-chofer na frente, eu e a dona do bairro iluminado de lâmpadas vermelhas. Foi aliás tudo o que eu vi, desses, rapaziadas e dessas bairro. Não me deixavam visitar as mulheres da casa onde eu estava, nem sentar-me com elas depois do trabalho, para ouvi-las falar de seus negócios, enquanto o cinheiro, em contado, eu enquanto esperavam, sem fazer nada, deitadas em suas camas.

(NOVAMENTE ELA SE CALA, DEPOIS COMEÇA, COM UM AR DE SURPRÊBAS E ESPANTO)

TEMPLE

Eu pensava então no nosso dormitório no colégio. O mesmo cheiro de mulheres jovens, tôdas pensando, tôdas, não num ou noutro homem, mas NO HOMEM. Aquelas mulheres pensavam mais calmamente, apenas. Eram menos excitadas, em suma, sentadas nos seus leitos momentaneamente vazios, para discutir dificuldades de profissão. Mas não era comigo que elas disentiam, porque eu estava fechada no meu quarto, vinte e quatro horas por dia, sem ter nada que fazer a não se, passear de um lado para outro vestida na capa de peles, nos chinelos coloridos, nos "peignoirs" vistosos, sem ter ninguém para me ver, e não ser um espelho de seis pés de altura e uma criada negra que ria ao tocar a sêda de minha roupa de baixe, enquanto eu ia e vinha no quarto, sempre fechada, isolada, ao abrigo de tudo, em segurança no seio do peonido e do prazer, como mergulhada dentro duma sinêta de mergulhadores a vinte braças sobre o mar. Oh, sim, Popeye queria que eu me sentisse contente, compreendam. Mas eu queria estar somente contente. Foi preciso a viva força que eu me apaixonasse, como diziam minhas irmãs, as prostitutas.

GOVERNADOR

Apaixou-se?

STEVENS

Sim. (O GOVERNADOR OLHA TEMPLE, QUE NADA DIZ) - Ela se refere ao rapaz que Popeye...?

TEMPLE

(A STEVENS) - Cale-se!

STEVENS

Não, você está exausta. Devo ajudá-la. Pois esse Popeye levava, ele próprio, um rapaz. E esse rapaz...?

TEMPLE

Gavin!

STEVENS

Esse rapaz era conhecido no seu meio pelo nome de Red. Era o leão de cabeça de um clube dos arredores da cidade, o senhor sabe, o homem encarregado de expulsar os clientes bêbedos ou recalcitrantes. Esse clube pertencia a Popeye, ora o seu quarto-general. E... - (ELE RESITA, DEPOIS DERIBE-SE A TEMPLE) - E popeye lho levava Red no seu quarto. (AO GOVERNADOR)

« O senhor compreende, não?

GOVERNADOR ...

Sin. Mas eu não vejo por que esse Popeye...

STEVENS

Deviam esmagá-lo, por um meio qualquer, com um pé de gigante, como se fosse uma aranha! Porque ele não a prostituía. Oh, não, ele não a vendia. Saia e insultá-lo, se o acusassem desse crime grosseiro, vulgar. Era, não é? Um purista deliçado, um degustador, se posso dizer assim. Não, não a vendia. Dava-a a seu criado!



GOVERNADOR

Gavin! Será indispensável ir mais longe diante da senhora Stevens?

STEVENS

Sin. Você ainda não sabe tudo. E...

TEMPLE

Não. Deixe-me falar. Encontrei esse homem, Red e não importa como o encontrei. O que importa é que me apaixonei por ele. De que espécie de amor, não sei ainda. O fato é que lhe escrevi cartas.

GOVERNADOR

Cartas de amor?

TEMPLE

Obrigada. Quero dizer: obrigada pelo amor. A verdade é que eu lhe escrevia cada dia que ele devia vir e mais tarde quando os dois tinham ido embora, e muitas vezes ainda quando passavam dias sem vir...

GOVERNADOR

Um momento. Que foi que a senhora disse? "Quando os dois tinham ido embora?" (ELES SE OBSERVAM. TEMPLE CALA-SE)

GOVERNADOR

Devo entender que essa Popeye estava presente no quarto em que Red e a senhora...

STEVENS

Sin. Era para isso que ele levava Red. Era o que eu queria dizer quando falei de degustador.

GOVERNADOR

(A TEMPLE) - Bem. Continue, senhora Stevens. Estávamos nas cartas.

TEMPLE

As cartas. Sin. Eram lindas cartas. Quero dizer: bem escritas. (FIXANDO SEMPRE OS OLHOS DO GOVERNADOR) - O que eu procuro dizer, o que não consigo dizer... enfim, era esse gênero de cartas que uma mulher, depois de as ter escrito a um homem, ainda que oito anos antes, não deseja que seu marido leia, qualquer que seja a opinião que ele já tenha sobre o passado da esposa. (ELA FAZ UM VISÍVEL ESPÓRGO) - Excelentes cartas, e decerto melhores do que se poderia esperar duma estrepante. Se o senhor as tivesse lido, perguntaria como uma jovem de dezessete anos poderia conhecer assim as palavras, as palavras exatas... Mas eu não tive necessidade de muitas lições. Eu tinha o dom. (UM TEMPO, DEPOIS, SECAMENTE) - Não sei quantas cartas escrevi, mas só teria sido bastante. Tudo veio daí.

GOVERNADOR

O crime de Nancy veio daí? Realmente? Explique.

TEMPLE

Sim. Secerto o senhor há de ter ouvido falar de chantagem. As cartas reapareceram, há dois anos. Como poderia eu revê-las? Quando a gente é Temple Drake, o primeiro meio em que se pensa é naturalmente fornecer uma outra série de cartas...

STEVENS

(A TEMPLE, SUAVEMENTE) - Sim, tudo veio daí, mas é preciso viver so governador como veio daí.

TEMPLE

Pensei que já tivesse dito. Eu escrevi essas cartas. Depois, o homem a quem eu as escrevi morreu e eu me casei com outro, e descansei. Ao menos, pensei ter descansado. Tive dois filhos, e, para ter alguém com quem falar, aluguei uma outra prostituta, que também pensava ter descansado. Acreditei até que esquecera a história das cartas, até que elas reapareceram. Percebi, então, que não as tinha esquecido, mas que nem mesmo eu tinha descansado...

GOVERNADOR

Esse tal Red, de que morreu?

TEMPLE

De morte natural. Quero dizer: de acordo com sua natureza. Morreu de um tiro dado de um automóvel que entrou numa ruazinha, atrás da casa e quando e quando ia subir ao meu quarto pela calha. Sim, tínhamos um encontro clandestino, o primeiro que Popeye não soube. Foi a primeira, a única vez, em que acreditamos tê-lo enganado. Queríamos estar juntos, sós, somente nós dois, depois de tantas vezes em que não tínhamos estado sós. Tínhamos, finalmente um encontro de amor. Porque, se o amor existe, se essa palavra pode ter um sentido, que coisa significa senão o conhecimento mútuo dentro do silêncio, da intimidade, da ausência de vergonha? As pessoas não se amam quando sabem que estão nua. E a gente sabe que está nua quando alguém, no mesmo instante, olha. Por isso queríamos estar sós, ao menos uma vez, uma única vez, para esquecer tudo que não era o nosso amor...

GOVERNADOR

"Nosso amor"? Red amava-a também?

TEMPLE

Ele me amava. Talvez porque eu o amasse e ele não esperasse por isso, talvez porque nunca tivesse imaginado ele próprio semelhante aventura, talvez por que imaginasse que aquilo era o que chamaria uma oportunidade, uma grande oportunidade. Ele ficava diante de mim, e por detrás dele o seu patrão, e ele me olhava, um pouco trêmulo, sem poder falar-me das cartas que eu lhe mandava escondido; silencioso, porque sabia que não podia dominar a própria voz, mas seu rosto falava, e Popeye não podia vê-lo. Sim, quisemos viver ao menos uma vez esse amor de que estávamos seguros, e conseguimos esse encontro clandestino, nesse luz de mel, se posso falar assim... Afinal matarem-no no momento em que ele vinha só e para mim só! Mataram-no no momento em que ele mais pensava em mim, e eu nele, quando, um minuto mais tarde, teria estado comigo, no mesmo quarto, com a porta fechada a chave, somente nós dois enfim... E acabou. Foi como se tudo isto, Red, a casa, as mulheres, Popeye nunca tivessem existido. (ELA FALA MAIS DEPRESSA) - Depois, voltei para minha casa, quando Popeye foi preso por causa desse crime, e condenado

à morte. Daí por diante nada me importava: nem meu pai, nem meus irmãos, que lá estavam à minha espera. Depois passei um ano na Europa, em Paris. Ainda lá, nada me importava.

STEVENS

Mas Gowan foi a Paris naquele inverno, e vocês se casaram.

TEMPLE

(DÚCILMENTE) - Sim. Na embaixada, e depois uma recepção no Crif... - fêlar dum novo carro e uma vila nobriscan em Cap-Ferrat, endiz, tudo que era preciso para desinfetar um passado americano. Mas na verdade, contávamos com outra coisa para a desinfecção. Pensávamos que o simples casamento bastaria, o simples coximônia. Nada mais que nos ajoelharmos e dizermos "Pecamos. Perdoci-nos". E então, seria a paz, e esquecimento, o amor, tudo em que sté então eu havia fracassado. (ELA CAMBALEIA UMA VEZ MAIS, DEPOIS RETOMA A NARRATIVA, COM VOLUBILIDADE, RÁPIDAMENTE.) - Amor... Talvez não seja uma palavra justa, mas pensamos também que estávamos reunidos por alguma coisa mais que o amor. Por essa tragédia que nos havia enxada no um ao outro, e onde tínhamos sofrido, um e outro. E depois, eu contava também com alguma coisa mais eficaz do que a tragédia e o amor para manter dois seres reunidos: o perdão. Sim, eu esperava o perdão recíproco. Mas, aí está: talvez seja fácil perdoar, mas é difícil consentir em ser perdoado.

STEVENS

Sobretudo quando se trata de um homem que rebenta de orgulho.

TEMPLE

Gavin!

STEVENS

Você o sabê. É gabe que a vaidade de seu marido destruiu tudo. Quando um ilustre aristocrata de Virginia esquece de fechar a porta, e alguém o surpreende sentado na latrina, que é que o faz sofrer, senão a vaidade? Não, o perdão não estava nos seus hábitos: não era coisa suficientemente boa para êle. E, em vez de aceitar ser perdoado, começa a se perguntar, ao fim de um ano, se na verdade êle era o pai de seu filho.

TEMPLE

Oh, meu Deus! Meu Deus!

GOVERNADOR

Deixe-a falar, Gavin.

TEMPLE

Falar, é isto que realmente se chama falar. Faz tanto mal, falar? Mas agora será mais fácil, porque se trata de Henry. Voltamos para Jefferson, para a nossa casa. Afrontando o escândalo, a vergonha, olhando as coisas de frente, corajosamente, para que não viessem mais assustar-nos, experimentando mesmo nos elharmos sem beixar os olhos... Oh, não, não posso mais! Conte-lhe, tio Gavin.

STEVENS

Sim. (AO GOVERNADOR) - Procuro imaginar os Gowans Stevens, jovens, conhecidos de todos, com a casa nova no melhor bairro, frequentando o clube mais fechado, e com banco na igreja mais aristocrata. E nasce o filho, o grande herdeiro, e êles contratam Nancy, am-sêca, preceptora, irmã, personagem principal, chama-a como quiser.



Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

(A TEMPLE) -- Não é isto? Vamos, Temple, coragem!

TEMPLE

(JÁ AGORA ALQUEBRADA) -- Sim, eu era a princesa, ela a confidente. Na casa sem homens, ela me escutava, eu sonhava alto. Imagine: as longas horas o menino dormindo, e as duas irmãs, as duas antigas peadoras, falando de seus assuntos, remexendo lembranças ainda quentes e bebendo coca-colas na cozinha silenciosa. (AO GOVERNADOR) FINALMENTE CHORANDO) -- Alguém com quem falar, senhor Governador, todos precisamos disto! Não alguém com quem conversar, ou que nos aprove, mas que fique lá, em silêncio, escutando. Os assassinos, os loucos, os incendiários, se tivessem tido alguém que os escutasse, talvez houvessem ficado quietos! Oh, agora, deixem-me quieta, deixem-me quieta!

(ELA RESABA SOBRE SI MESMA)

STEVENS

Vou contar-lhe o fim. Muito antes de nascer o primeiro filho, ela encobria que o marido nada lhe havia perdoado, e sempre queria ser perdoado, que acreditava já ter feito bastante desposendo-a, que exigia constantemente sua gratidão, e que ela sabia que tudo estava perdido, que seu passado não cessaria nunca de pesar sobre os dois. Entretanto, quando veio o primeiro filho, ela descobria uma esperança na inocência do menino. Alguma coisa dela, ao menos, não fazia parte de sua culpa. Alguma coisa, enfim, a que ela pôde entregar-se, de todo o coração, esquecendo-se de si mesma. Era como um armistício com Deus, no qual ela consentia em sofrer tudo, renunciar a tudo, até mesmo às mais simples alegrias, para que uma criança inocente fosse preservada da desonra e do terror. Em troca de sua renúncia, esperava apenas que ao menos Deus agisse com decência.

GOVERNADOR

O filho era de Gowan Stevens? Desculpe-me, senhora.

STEVENS

Sim. Mas meu sobrinho duvidou, ou pensou que duvidava, e tudo acabou novamente. Aquêles menino, também a separava do mundo, e do marido, e lhe recordava seus erros. Ela não podia esquecer-se não. (A TEMPLE) Foi então que você quis fugir.

(TEMPLE FAZ UM SINAL COM A CABEÇA)

STEVENS

Mas o segundo filho, sua menina, chegou, e durante algum tempo Temple não soube mais como fugir. Mas também não podia mais permanecer naquele mundo onde acreditava esquecer seu passado, não podia mais suportar aquela responsabilidade, aquêles homens de sociedade que perdoam sem perdoar, que sorriem no instante exato em que estão embriagados de ressentimento. Logo, ela esperava. Esperava a catástrofe, mas não sabia que fisionomia teria essa catástrofe. (UM TEMPO) -- Pois bem: A catástrofe tomou a fisionomia do irmão de Red. Chamava-se Peter.

GOVERNADOR

Compreendo. Tinha as cartas, e ameaçou-a.

STEVENS

Sim. Ameaçou-a. Ela não se contentou em dar-lhe dinheiro. Dou-se também.

(O GOVERNADOR OLHA STEVENS)

STEVENS

Sim! Ele queria esta coisa. E pensar, talvez, que conseguiria melhor amargar Gowan, se possuísse a sua mulher. Ela... - (ELE HESITA) - Pois bem, eu suponho que ela quiz acabar com tudo... De qualquer modo, atiram-se nos braços desse Peter e quis fugir com ele!

GOVERNADOR

(A TEMPLE) - Por que fez isso?

TEMPLE

(LEVANTA-SE E FALA COM CRESCENTE VIOLÊNCIA) - Ah, ao menos isto é claro e posso explicar-lhe! Com esse chantagista eu poderia ao menos repousar! Repousar, sim, repousar de honestidade, de respeitabilidade, dos bons sentimentos! Depois de seis anos de perdão e de distinção, tinha encontrado um homem que não se preocupava com uma ou outra coisa! Um homem tão decidido, tão duro, tão brutal, tão perfeitamente imoral que daí tirava uma espécie de pureza, de integridade. Um homem que não se preocupava, afinal, com a reparação ou o esquecimento, mas que, se eu me metesse a pedir perdão, somente me esbofetearia e me atiraria na sargeta, de modo que com ele eu podia repousar, sim, repousar por fim na certeza de que, mesmo na sargeta e espansada até a morte, ele não saberia nunca que tinha alguma coisa que me perdoar! Oh, não foi com ele que eu quis fugir, mas nele!

GOVERNADOR

(DEPOIS DE UM TEMPO) - Agora só falta que a senhora nos fale do crime! Conte-me o que Nancy fez em 13 de setembro!

TEMPLE

(SEMPRE DE PÉ, ACABRUNHADA PELA SUA EXPLOSÃO, VACILANTE, COM UM AR UM TANTO SONHAMBULO.) - 13 de setembro, sim! Nancy, sim. Ela gostava de mim, ela ainda gosta, estou certa. E, principalmente, ela gostava de meus filhos, da inocência de meus filhos! Ela acompanhou tudo, sem dizer nada, sabia de tudo, me espionava, de todo o coração, como fazem os que se amam. Por um momento, acreditei que eu ia somente dar dinheiro a Peter, obter as cartas, e reencontrar a paz. Mas eu queria uma outra paz, o repouso no mal, a surdez definitiva do pecado! Num palavra: fugir, queria fugir com Peter, reencontrar os longos dias de vida malsã. Consegui afastar Gowan e Bucky, para encontrar-me com Peter em minha casa. Quando Nancy percebeu o que eu ia fazer, levar uma criança comigo para fazê-lo viver com um homem como Peter, abandonar a outra, quis impedir! Começou por tomar-me o dinheiro e as jóias que eu tinha separado para fugir. (A LUZ E A CORTINA ATRÁS DE TEMPLE COMEÇAM A BALANÇAR, TEMPLE AGORA FALARÁ NA OBSCURIDADE.) - Foi na noite de 13 de setembro. Peter já estava lá em casa e eu me preparava, sem saber de nada! Nancy nos espiava ainda! Quando compreendi que eu iria embora de qualquer modo, custasse o que custasse, procurei o que podia fazer para me deter, para preservar as crianças e o futuro! Procurei cegamente, de todo o coração ainda, e não encontrei nada, a não ser... Oh, sim, estou certa de que foi na escadaria onde estava, atrás da porta, escutando-nos, na noite em que ela descobria ávida de mal e de esquecimento, correndo para a degradação com meus filhos em que nem mais eu pensava, foi naquela noite que ela imaginou aquele ato louco, terrível, inocente! Na noite de 13 de setembro, sim, espiando-me e a Peter, Nancy...

-FIM DO 2º QUADRO-

(A CORTINA LEVANTA-SE LENTAMENTE, MOSTRANDO A SALA-DE-ESTAR DE GOWAN STUBBS. NOVE E MEIA DA NOITE. NO DIA 13 DE SETEMBRO PRECEDENTE. VÊEM-SE UM ARMÁRIO ABERTO. VÊEM-SE ROUPAS ATIRADAS NO CHÃO, COMPREENDE-SE QUE O ARMÁRIO FOI FURIOSAMENTE REMEXIDO. SOBRE A MESA, AO CENTRO, O CHAPÉU DE TEMPLE, SUAS LUVAS, A BÓLSA E TAMBÉM UMA DESSAS SACOLAS QUE SE USAM PARA GUARDAR OBJETOS DE CRIANÇAS PEQUENAS; DUAS OUTRAS VALISES, EVIDENTEMENTE PERTENCENTES A TEMPLE, CRIAS E FECHADAS, ESTÃO NO SOALHO, PERTO DA MESA. TUDO INDICA QUE TEMPLE ESTÁ PRESTES A IR-SE EMBORA E QUE ALGUMA COISA FOI PROCURADA EM VÃO, MAS FRENÉTICAMENTE.)

QUANDO A LUZ SE REACENDE, PETER ESTÁ DE PÉ, DIANTE DA PORTA DO ARMÁRIO, SEGURANDO A ÚLTIMA ROUPA, UM "PEGNOIR". É UM HOMEM DE CÉRCA DE 25 ANOS. NÃO TEM AR DE CRIMINOSO, DE "GANGSTER". TEM QUASE A APARÊNCIA DE UM VENDEDOR DE AUTOMÓVEIS OU DE APARELHOS DOMÉSTICOS QUE HOUVESSE PROSPERADO. SUAS ROUPAS SÃO COMUNS, SEM ESCÂNDALO, COMO AS DE QUALQUER PESSOA. MAS POSSUI UM AR CONQUISTADOR, SEGURO DE SI MESMO. BEM APESSOADO, O TIPO QUE AS MULHERES AGRADA, O GÊNERO DE HOMEM COM QUEM NÃO SE TEM SURPRÊSAS; PORQUE SE SABE EXATAMENTE O QUE ELE VAI FAZER, EMBORA SE ESPERE QUE DESTA VEZ NÃO O FAÇA. UMA CRIATURA DURA, NÃO IMORAL, MAS AMORAL. VESTE ROUPA DE VERÃO, DE TECIDO LEVE, O CHAPÉU BATIDO PARA A NUCA. REMEXE O "PEGNOIR" VAPOROSO, DEPRESSA E SEM JEITO, DEIXA-O CAIR NO CHÃO, VOLTA-SE, VÊ QUE SEUS PÉS SE EMBARAÇARAM NOS OUTROS VESTIDOS JÁ CAÍDOS NO SOALHO; SEM HESITAR, DESEMBARAÇA-SE A PONTAPÉS, E PERMANECE PARADO, OLHANDO A DESARRUMADAÇÃO COM UMA ESPÉCIE DE DESENCAJADO DESGOSTO. TEMPLE TAMBÉM ESTÁ EM CENA, NO MESMO LUGAR ONDE ESTAVA NO FIM DO QUADRO PRECEDENTE. MAS USA UM LEVE CAPORE ABERTO.)

PETER

Então, Nancy?

TEMPLE

Telefonei aos inquilinos dela. Não a viram desde de manhã.

PETER

Isto eu poderia te dizer antes! (VÊ AS HORAS NO RELÓGIO DE PULSO.) - Vamos esperá-la em casa dela.

TEMPLE

(JUNTO À MESA.) - Por que?

PETER

De qualquer modo, trata-se de trezentos dólares. Não te parece nada? Pois a mim, sim. Sem falar das jóias! Se ela as roubou, terá de devolvê-las, mesmo se for preciso queimar-lhe os pés com um cigarro! Ou que é que você propõe? Que se chame a polícia?

TEMPLE

Não, não se canse. E você vá-se embora.

PETER

Ir-se embora?

TEMPLE

Sim, deixe tudo, fuga. O dinheiro desapareceu e não irá com você. Você

não tem nada mais a fazer senão esperar a volta de meu marido e reconectar junto dele a sua chantaganzinha.

PETER

Quero o dinheiro e as jóias. E você, além disso.

TEMPLE

Você tem sempre as cartas.

PETER

(PROCURA NUM DOS BOLSOS INTERNOS, TIRA DELE UM MAÇO DE CARTAS, ATIRA-O SOBRE A MESA.) - Se você quer, fique com elas.

TEMPLE

Já te disse, há dois dias, que não quero.

PETER

Ben, mas isto era há dois dias!

(ÊLES SE ENCARAM POR UM MOMENTO. DEPOIS TEMPLE TOMA O MAÇO DE CARTAS E ESTENDE A OUTRA MÃO A PETER.)

TEMPLE

Me dá o teu isqueiro!

(PETER TIRA O ISQUEIRO DO BÓLSCO E ESTENDE A MÃO, MAS SEM AVANÇAR, DE MODO QUE ELA TEM DE DAR DOIS PASSOS EM SUA DIREÇÃO. DEPOIS, ELA VAI ATÉ A LAREIRA, ACENDE O ISQUEIRO, QUE PALHA DUAS OU TRÊS VÊZES. PETER NÃO SE MOVE. ELA PERMANECE UM INSTANTE IMÓVEL, COM O MAÇO DE CARTAS NUMA MÃO E O ISQUEIRO NA OUTRA. DEPOIS, VOLTANDO A CABEÇA, OLHA PETER. ÊLES SE OBSERVAM DURANTE UM INSTANTE.)

PETER

Vamos, queime! Quando eu lhe dei as cartas, outro dia, você recusou, para poder mudar de idéia! Queime agora! Depois de queimadas você estará livre de mim!

(ÊLES CONTINUAM SE OBSERVANDO. POR FIM, ELA VOLTA A CABEÇA. ÊLE RI, SEGURO DE SI MESMO.)

PETER

Vem!

(ELA APAGA O ISQUEIRO, VOLTA-SE, APROXIMA-SE DA MESA, ONDE COLOCA AS CARTAS E O ISQUEIRO E AVANÇA EM DIREÇÃO A PETER, QUE NÃO SAIU DO LUGAR. NO MESMO INSTANTE, NANCY APARECE À PORTA DA ESQUERDA. ÊLES NÃO A VÊM; PETER TOMA TEMPLE NOS BRAÇOS.)

PETER

Para que fazer tudo isto, quando estamos tão bem juntos? (ÊLE APERTA-A AINDA MAIS CONTRA SI.) - Bem minha boneca?

TEMPLE

Mão me chame assim!

PETER

(APERTANDO-A CADA VEZ MAIS, ACARICIANDO-A, MAS COM ALGUMA DUREZA.) -

Red chameve você assim. Não sou igual a êle?

(ENFIAM-SE.

- NANCY CRUZOU SEM RUÍDO A SOLTEIRA DA PORTA. ELA PÁRA, OLHANDO PETER E TEMPLE. TRAZ AGORA O UNIFORME DE EMPREGADA QUE SE ENCONTRA EM TÓDAS AS GRANDES LOJAS, O UNIFORME PADRÃO, MAS SEM TOUCA E SEM AVETAL,



Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

DEBÊ-LO SEM CAPOTE LIVRE, LÍMBO-ABERTO. USA UM CHAPÉU DE FELTRO, COMPLETAMENTE AMARILHO. (BASE INFORME, UM CHAPÉU QUE DEVE TER PERTENCIDO A UM HOMEM. PETER ABRUÇA O BRAÇO.)

PETER

Vem! Vamos sair daqui!

(POR SOBRE O OMBRO DE TRIPLE, PERCEBE JANEY E TEM UM SOBRESSALTO. TRIPLE SOBRESSALTA-SE TAMBÉM, VOLTA-SE RAPIDAMENTE, VÊ JANEY. JANEY SAI DA SALA)

TRIPLE

(A JANEY) - Que é que você fez aqui?

JANEY

Treme o meu fô. Pare o cigarro. Fede queimado!

PETER

Legra dum figo, será que ela tem o dinheiro? (SÊM OLHER PARA JANEY QUE NÂO RESPONDE) - Talvez, não. Vamos ao cigarro, já que ele fez questão

(A JANEY) - Então, nececa? É para isso que você voltou?

TRIPLE

(A PETER) - Cale-se! Aperte as mãos e vá para o carro!

PETER

(A TRIPLE, NÂO SEM TIRAR OS OLHOS DE JANEY) - Não, não, vamos primeiro acertar contas com ela.

TRIPLE

Sai! Eu não arranja com ela. Ele devolverá tudo!

(PETER OBSERVA JANEY AINDA UMA VEZ; JANEY ENCARRAÇOS, NÂO SEM VÊ-LOS; INÓVIL, COMO NEPLITIGADA, SOBRIA, FECHADA, IMPERMEÁVEL, DEPOIS DÂ DE OUTROS.)

PETER

Dai. Não recupere o dinheiro. Se não, eu mesmo vou cobrá-lo.

(PETER VAI ATÉ A MESA, APANHA O ISQUEIRO, PARCE PAS AR, NÂS NOVAMENTE PARA; DEPOIS DE UMA HESITAÇÃO QUASE IMPERCEPTÍVEL, OLHA O MAÇO DE CARTAS.)

PETER

Talvez seja melhor que você não os esqueça!

TRIPLE

Ainda.

(ELE APANHA AS DUAS MALETAS, ADIANTA-SE PARA A PORTA, PASANDO POREO DE JANEY, QUE CONTEHA A OLHAR FICAMENTE DIANTE DE SI.)

PETER

(A JANEY) - As suas ordens, seu porco, para não queimar os cabelos! São por menos de cinquenta dólares! Só pelo prazer!

(APANHA AS DUAS BOLSAS COM A MESMA NÃO ABRE A PORTA, DISPÕE-SE A SAIR, PARA VOLTA-SE PARA TRIPLE.)

PETER

Se você mudar de idéia, não estou longe.

(ACABA DE SAIR, FECHA A PORTA. NO MOMENTO EM QUE ELA SE FICHA, JANEY PÁLA.)

JANEY

Espera!

(PETER PARA, COMEÇA A REABRIR A PORTA.)

TRIPLE

(RÁPIDA, A PETER.) - Pelo amor de Deus, sai!

(PETER SAI, FECHA A PORTA, NANCY E TEMPLE SE OLHAM)

NANCY

Fiz em esconder o dinheiro e as jóias para impedir que você ^{inglês} Talvez tivesse sido melhor dar o dinheiro a ele, quando encontrei. Ele já estaria em Chicago, sem pedir mais nada. Basta olhar para ele que a gente vê.

TEMPLE

Foi então você quem roubou? Mas isto não mudou nada.

NANCY

Quem é a ladra, ou eu você? Para começar, não foi você quem pagou os diamantes. E quanto ao dinheiro, você não passa dum mentirosa. Havia dois mil dólares e você me falou de duzentos e a ele de cinquenta. Não admire que ele não se esforce. Aliás, mesmo que fossem dois mil, para ele era o mesmo. Que é que interessa a ele, que você tenha dinheiro ou não, depois que você tomar o carro? Ele sabe que basta esperar, basta agarrar tacó, agarrar até um puco apertado, como eu vi e você receberá então todo o dinheiro que for preciso, de seu marido ou de seu pai.

(TEMPLE AVANÇA BRUSCAMENTE E ESBOFETEIA NANCY. NANCY RECUA E NESSE MOVIMENTO, O DINHEIRO E A CAIXA DE JÓIAS CAEM DO BOLSÃO DE SEU CAPOTE NO CHÃO. TEMPLE PÁRA, OLHA O DINHEIRO, AS JÓIAS. NANCY CONTINUA.)

NANCY

Esse dinheiro imundo, foi ele que apodresceu tudo. Quando uma mulher é uma mulher de diamantes e que tem um marido com dois mil dólares no bolso para os cigarros e o taxi, não é nada demais que alguém venha passar suas sentadas e que esses safados celem em cima como nósas em carne pôdro. Aquêle lá - é um safado! Pode me bater! É um safado! Não é a primeira vez que vejo gente dessa espécie - e você também! Eu sei reconhecer, mesmo que você, você se finja de esquecida. Você sabe que não adianta ele ter uma bela feçada, ele foda a maldade, ele vem do inferno. Se ao menos eu pudessem dar a ele esse dinheiro nojento e ele caísse fora!

TEMPLE

Experimente! Você verá!

NANCY

Oh, eu sei! Agora não são mais as cartas! Você quer cair de novo na boa vida! - Eu já não sou bestento. Você quer coisa melhor, você precisa de sujeira, sim, de sujeira que já estava dentro da sua casa, já que você foi capaz de escrever essas cartas, que ainda podem fazer toda essa desgraça, oito anos depois! Você poderia ter conseguido essas cartas a qualquer hora. Mas você não quis. Ele mesmo quis dar, duas vezes. Você pouco estava se incomodando.

TEMPLE

Desde de quando você me espiona?

NANCY

Desde sempre! Você nem mesmo precisava de dinheiro e de jóias para recuar as cartas! Uma mulher não precisa disso! Basta ser uma mulher para obter dos homens tudo o que quiser. Nós bem que sabemos disto. Você mesmo podia ter feito isto, aqui, dentro de casa, sem precisar mandar seu marido pensar. O que você aprendeu em Memphis podia servir ao menos para

isto. E você assim ficar lá perto dos seus filhos.

TEMPLE

Bonito! Uma puta pregando moralidade! Mas, afinal de contas, você pode dizer o mesmo de mim, não é? A única diferença entre nós é que eu não sou ser prostituta na casa de meu marido!

NANCY

Não estou falando de seu marido. Nem mesmo de você. Falo dos dois nós.

TEMPLE

Ela também. Por que é que você pensa que mandei Bucky para a casa de avó? Por que pensei nas crianças e para tirar daqui! justamente a criança que, tendo aprendido a chamá-lo de papai, possa um dia ouvir dele que não é seu pai... Já que você me espiona, com certeza já o ouviu dizer isto!

NANCY

(INTERROMPENDO-A.) - Claro que ouvi! E ouvi você também! E você protesta. Você, afinal, se defendeu. Você negou. E não era por você, era pelo menino! E agora você abandona tudo, você foge, sem mais nem menos!

TEMPLE

Abandona?

NANCY

Sim, abandona. Você não verá Bucky nunca mais, você sabe bem e você o abandona! Diga se não é verdade! (TEMPLE NÃO RESPONDE) - Ah está. Você abandona Bucky! E agora - com quem vai deixar a outra?

TEMPLE

Com quem? Ela tem seis meses. Levo consigo!

NANCY

Claro que você não pode abandoná-la. Com ninguém. Nem mesmo consigo! Mas você não pode também levar com você uma criança de seis meses! É isto que eu quero dizer. Vamos, deixe que ela fique lá, no seu berço! Ela vai chorar um pouco, mas não se assuste, é muito pequena para chorar muito alto. Ninguém vai escutar, ninguém vai acudir, principalmente com a casa fechada e chave, até a semana que vem, até que o senhor Gowen volte,

e aí então, é claro, ela já terá parado de chorar e você então vai poder se divertir afinal!

TEMPLE

Dê-me a minha capa!

NANCY

(TOMA A CAPA QUE ESTAVA SOBRE UMA CADEIRA E ENTREGA-A) - Mas é mais cômodo, não é?, levar a criança com você e depois escrever ao senhor Gowen, ou ao papai, para arranjar dinheiro e se aquela conselha achar que o dinheiro não vem depressa, então mandará você passar - você e o bebê! Por que então não deixar a criança no portão dum casa? E aí acabarem-se as preocupações para você! Você estará livre. Você vai poder então ir muito bem fazer suas orações em Memphis!

(TEMPLE ESTREMESCE, MAS DOMINA-SE)

NANCY

Vamos, bata-me, bata-me! Ou então chame o conselha, lá fora e diga que é-le esse o cigarra. Eu disse, a vocês dois, que tinha trazido meu pé. Aqui está! (ELA LEVANTA LIGEIRAMENTE O PÉ) - Já experimentei tudo; posso experimentar isto também!

TEMPLE

Pela última vez, cale-se!

NANCY

Eu me cale!

(ELA NÃO SE MOVE, NÃO OLHA TEMPLE. HÁ UMA LIGEIRA MUDANÇA NA SUA VOZ, NA SUA ATITUDE, EMBORA NÃO SEJA SENÃO MAIS TARDE QUE SE APERCEBERÁ QUE ELA NÃO SE DIRIGE MAIS A TEMPLE NESTE MOMENTO)

NANCY

Eu experimentei tudo que pude. Vão ver!

TEMPLE

Ninguém te desmentirá. Você me ameaçou com meus filhos, com meu marido. Você chegou mesmo a roubar o dinheiro da minha fuga! Sim, ninguém poderá dizer que você não tentou tudo. Se bem que, no fim, você tenha levado o dinheiro. Apanhe-o!

NANCY

Você disse que não precisava mais dele!

TEMPLE

Não, não preciso mais. Apanhe-o.

NANCY

Eu também não preciso mais!

TEMPLE

Não importa, apanhe-o! Quando você o entregar ao senhor Gowen, pode retirar dele o seu salário de próxima semana.

(NANCY ABAIXA-SE, APANHA O DINHEIRO, AS JOIAS, QUE ELA RECOLOCA NA CAIXA, E DEPOSITA TUDO SOBRE A MESA. TEMPLE ACALMOU-SE, CHAMA:)

TEMPLE

Nancy! (NANCY LEVANTA A CABEÇA, OLHA-A)

- Desculpe... quero dizer, desculpe de ter batido em você. Você sempre foi boa para meus filhos e para mim, você ajudou-me a viver durante muito tempo. Você tentou nos unir, mesmo alguém sabendo, e cada minuto, que nós podíamos ficar unidos, por simples decência!

NANCY

Oh, neste eu ainda não acredito! E além disso, não falado sua vida de casada, nem de decência, nem de você, nem de mim... Mas ainda assim eu lhe agradeço ter-me tomado como empregada e ter-me falsado...

TEMPLE

Não fale assim. Eu era quase feliz junto de você...

NANCY

Estou falando a respeito de nossas amizades!

TEMPLE

Já lhe disse que não falasse nelas!

NANCY

Não posso. É preciso que eu peça ainda uma vez. Você vai fazer isso? Você vai fazer?

TEMPLE

Não posso fazer outra coisa!

NANCY

Você sabe que sou ignorante. É preciso que você diga, você, claramente,

com palavras que eu possa compreender. Diga: "Vou fazer isso!"

TEMPLE

Você me ouviu! Sim, vou fazer isso!

HANCY

Com ou sem dinheiro?

TEMPLE

Com ou sem dinheiro!

HANCY

Fazendo mal a seus filhos? (TEMPLE NÃO RESPONDE) - Seu marido já pensa que Busky não é seu filho. Se você for embora, ainda acreditará mais nisso e vai detestá-lo, vai contratar o menino. E o outro? Você vai entregar a um crápula, que fará a família pagar até que não tenha mais nada e então jogará a menina na rua. Você quer que eles sofram? Ou que eles morram? Você quer que eles sintam vergonha, como nós, como você e eu? No entanto, você sabe o que é isto, e você não procura proteger seus filhos! Você é mais melvada que eu, e no entanto, Deus bem sabe que eu não achava que isto fosse possível. Não, você não sabe nem mesmo o que uma mulher seja como eu pode conhecer. Você não sabe que as crianças não devem envergonhar-se, nem ter medo. É contra isto, só contra isto, que devem ser protegidas. Todas. Ou todas que podemos proteger. Uma só, se não pudermos fazer melhor. Mas fazer tudo por essa. E você vai renegar as duas, deixar que vivam na imundície que nós, você e eu, conhecemos bem. Todas as duas sem salvar uma só? (ELAS SE ENCARAM) - Se você tem coragem de fazer isto, também há de ter coragem para me dizer!

(TEMPLE OLHA-A. OUVE-SE UMA BUZINA IMPACIENTE DE AUTOMÓVEL, FORA)

TEMPLE

Sim, vou fazer. As crianças não importam. E agora, vá-se embora!
(TEMPLE ANDA RÁPIDAMENTE ATÉ A MESA, TOMA DUAS OU TRÊS NOTAS DO MONTE QUE ALI ESTÁ, ENTREGA-AS A HANCY, QUE AS SEGURA. JAPANEIA O RESTO DO DINHEIRO, A BÔLSA, ABRE-A HANCY ATRAVESSA A SALA, TRANQUILMENTE, ENTRA NO QUARTO DAS CRIANÇAS, COM A BÔLSA ABERTA NUMA DAS MÃOS E O DINHEIRO NA OUTRA. TEMPLE OLHA HANCY)

TEMPLE

Onde é que você vai?

HANCY

(DANDO AINDA UM PASSO) - Ver se ela não precisa mais de mim
(HANCY PÁRA, VOLTA-SE COM UM OLHAR TÃO ESTRANHO EM DIREÇÃO A TEMPLE, QUE ESTA INTERROMPE O MOVIMENTO QUE FAZIA PARA COLOCAR O DINHEIRO NA BÔLSA E OLHA HANCY ATENTAMENTE. QUANDO HANCY FALA, É NO MESMO TOM QUE ANTES. SÓ DEPOIS É QUE SE ENTENDERÁ A SIGNIFICAÇÃO DE SUAS PALAVRAS.)

HANCY

Experimentei tudo. Fiz tudo que pude. Você vê?

TEMPLE

(ORDENA) - Basta! Acabou!

HANCY

(TRANQUILMENTE) - Acabou. Eu me calo!
(ELA SAI PELA PORTA QUE DÁ PARA O QUARTO DAS CRIANÇAS. TEMPLE ACABA DE COLOCAR O DINHEIRO NA BÔLSA, QUE FECHA E DEIXA SOBRE A MESA. DEPOIS,

VOLTA-SE PARA A BÓLSA DA CRIANÇA, QUE ELA ABRE, VERIFICANDO RÁPIDAMENTE O CONTEÚDO; TOMA A CAIXA DE JÓIAS, METE-A NA BÓLSA, FECHA A BÓLSA. ACABOU DE FECHAR A BÓLSA QUANDO NANCY SAI SILENCIOSAMENTE DO QUARTO, ATRAVESSA A SALA, ALCANÇA A PORTA OPOSTA, PELA QUAL SAÍRA DA PRIMEIRA VEZ. TIMPLE ACOMPANHA-A COM OS OLHOS)



TIMPLE

Nancy! (NANCY PARA, SEM SE VOLTAR) -- Não pense muito nel de mais! Você é minha irmã, como antes!

(NANCY ESPERA, IMÓVEL, OLHANDO DIANTE DE SI, COMO SEM VER. QUANDO TIMPLE INTERROMPE A FALA, ELA RECOMEÇA A MARCHA EM DIREÇÃO À PORTA)

TIMPLE

Se algum dia se souber de tudo isto, eu direi a todo o mundo que você fez o que pôde. Que você experimentou tudo. Você tinha razão: não era por causa das cartas. Era eu mesma! Eu, só eu sou a responsável! Eu sou a malvada! (NANCY CONTINUA A ANDAR) -- Até a vista, minha querida!

(NANCY ATINGE A PORTA) -- Você tem a chave de casa, vou deixar o seu dinheiro em cima de mesa. Você pode apenhá-lo... (NANCY SAI) -- Nancy!

(NENHUMA RESPOSTA. TIMPLE PERMANECE UM MOMENTO A OLHAR A PORTA VAZIA; APRESSA-SE, TOMA O DINHEIRO QUE NANCY DEIXOU, OLHA EM TÓRNO DE SI, VAI ATÉ A ESCRIVANINHA EM DESORDEM, APANHA AÍ UM PÊSO DE PAPÉIS, COLOCA-O SOBRE O DINHEIRO. DEPOIS, ANDA RÁPIDAMENTE, DECIDIDA, APANHA A COBERTA DA MESA, DIRIGE-SE PARA A PORTA DO QUARTO-DE-CRIANÇAS, SAI POR ELA, UM SEGUNDO OU DOIS, E LOGO DÁ UM GRITO PUNGENTE, ENQUANTO NANCY REAPARECE NA OUTRA PORTA. AS LUZES VACILAM, COMEÇAM A DIMINUIR ATÉ QUE A OBSCURIDADE É COMPLETA, ENVOLVENDO AQUELE GRITO, QUE CONTINUA.)

F I M D O Q U I N T O Q U A D R O

::*:*:*:*:*:

(O PARO VAI LEVANTAR-SE MOSTRANDO O GABINETE DO GOVERNADOR. DA MANHÃ. O GOVERNADOR NTO ESTÁ MAIS. STEVENS ESTÁ DE PÉ, PLE, AJORLHADA, INCLINADA SOBRE SI MESMA. STEVENS PERMANECE GAO QUE ESCONDE PARCIALMENTE GOWAN, O QUAL SE ENCONTRA AGORA LUGAR ONDE SE ACHAVA O GOVERNADOR. TEMPLÉ IGNORA QUE O GOVERNAD



TEMPLÉ

(DE JOELHOS, O ROSTO AINDA ESCONDIDO, COMEÇA A FALAR AINDA NA OBSCURIDADE) - Foi tudo! A polícia veio. Sentada numa esdeira da cozinha, no escuro, Nancy repetia: "Oh, senhor, fui eu!" Nós estávamos uns diante da outra, eu supô, ela sentada, tôdas as duas no escuro, gemendo silenciosamente de dor e de angústia, sôzinhas nas juntas, perdidas para sempre nos juntas. E então eu obedeci o tudo que ela comandava. Telefonei, chamei a polícia. Ela veio. "Fui eu, senhor...". Nancy dia. E eu me caiei até hoje, fiquei caída até hoje. (A LUZ SE ACENDE TOTALMENTE. A CONTINUA SE ERGUE DEVAGAR) - Mas a levaram, ela se foi sem me olhar. E, na cela da prisão, ela repetia: "Fui eu, fui eu..." Sim, foi ela. Mas quem cre a verdadeira criminoso, a que tinha matado, senão eu, eu, por quem ela vai morrer?!

(STEVENS INCLINA-SE, TOCA O BRAÇO DE TEMPLÉ, COMO PARA AJUDÁ-LA A SE LEVANTAR; ELA RESISTE, MAS SEMPRE SEM LEVANTAR A CABEÇA)

STEVENS

Levante-se, Temple.

(DE NOVO ELE TENTA LEVANTÁ-LA; MAS, ANTES QUE O CONSEGA, ELA SE ERGUE, COM O ROSTO AINDA VOLTADO PARA O OUTRO LADO DA ESCRIVANINHA E COMO CEGA. ELA LEVANTA A MÃO PARA O ROSTO, QUASE COMO UMA CRIANÇA QUE VAI CHORAR; MAS É APENAS PARA ABRIGAR OS OLHOS DA LUZ)

TEMPLÉ

Agora não demora mais, não é tio Gavin? Tudo que o Governador tem a dizer, afinal, é não. (SEMPRE SEM VOLTAR A CABEÇA, SEM OLHAR, EMBORA ACREDITE ESTAR FALANDO AO GOVERNADOR) - Porque eu estou certa de que o senhor não quer salvá-la! Oh, responde, responde! Basta uma palavra, desta vez! (VOLTA-SE E VÊ GOWAN, QUE ENTROU ENQUANTO ELA FALAVA E QUE SE ENCONTRA AGORA NO LUGAR DO GOVERNADOR. ELA PÁRA, SUPENSA, INCRÉDULA-SE)

GOWAN

Porra!

TEMPLÉ

(INDO EM DIREÇÃO A STEVENS) - Por que você recorre sempre a essas mentiras? Que é que o leva a isto? A justiça, de que você fala tanto e tão bem? Por que não? Não fui eu a primeira a começar a mentir? (A GOWAN) - Você não precisava esconder-se. Eu teria falado também diante de você.

GOWAN

Nós devíamos ter-nos escondido um do outro muito antes. Devíamos tê-lo feito há oito anos; não em gabinetes como este, mas em dois poços de mina abandonados nas duas extremidades da terra. (A STEVENS) - Você está contente, não? Que nome já dá você a isto? Ah, a verdade. (OLHA TEMPLÉ) - Como é bela a verdade!

STEVENS

Desta vez, vou pedir que você se caia.

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

GOWAN

Por falar em verdade, onde estão as cartas? Suponho que o canalha vai agora tentar vendê-las a mim, diretamente. Não se compra muito por umas lata de lixo. (DÁ A VOLTA PELA ESCRIVANINHA, DIRIGINDO-SE PARA A PORTA PELA QUAL ENTROU)

STEVENS

Estão comigo! (TEMPLE OLHA-O, ESTUPEFATA. GOWAN PARA A TEMPLE.)
Você não se lembra? Nancy estava no quarto, quando você voltou. As cartas estavam sobre a mesa. Ela apanhou-as e, mais tarde, entregou-as a mim.

GOWAN

(COMEÇA A RIR, DE MODO DURO, SEM GRAÇA, DEPOIS EDUCAMENTE) - Então, agora está tudo em ordem! A peecedora confessou o pecado, o chantagista falhou, a desinfecção é perfeita! Claro, uma eriancinha foi entregue a uma louca que a matou pensando que isto consentava tudo. Mas, afinal de contas, essa idiota tinha também certa lógica! Criança por criança, é preciso pagar um pouco pela alegria de viver com uma mulher que não encontra repouso senão no casa dum chantagista! - Obrigado, meu Deus, obrigado, sente Nancy, por terem matado minha filha para que eu possa continuar a gozar a virtude de minha mulher. (RI COMO ACIMA. TEMPLE SENTA-SE RIJA, OLHANDO DIANTE DE SI, AUSENTE) - Impecável, realmente. Tudo se arranjou em todos os pormenores!

STEVENS

Há ainda uma coisa que não está arranjada!

GOWAN

Bravo! Então ainda não paramos de nos divertir? Quem é que ainda vai morrer, para nos distrairmos?

STEVENS

Nancy!

GOWAN

Nancy? Ora, vamos! Será enforcada, é claro, pendurada pelo pescoço e espero que estale bastante. Assim, pelo menos uma prostituta em cada duas pagará sua dívida. É uma proporção honesta! Não se pode pedir mais à misericórdia de Deus. (OLHA TEMPLE COM ÓDIO E ANGÚSTIA) - Aliás, é preciso assentar outra coisa ainda. Eu gostaria de saber, por exemplo, o que havia nessas famosas cartas. Já que estamos na hora da confissão, devo confessar que Temple me enganou com o que disse! Vejam bem: Deve ser diabólicamente excitante, nos detalhes, quero dizer! Sobre tudo por que, no curso de nosso casamento, ele usou comigo uma outra linguagem, perfeitamente decente, imagino, uma linguagem que eu chamaria de presbiteriana, se é que se pode ser presbiteriano no momento de fazer filhos!

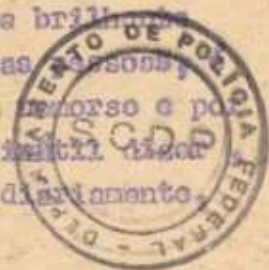
STEVENS

Cale-se, Gowan!

GOWAN

E eu, naturalmente, pensava que isto era efeito da sua educação, até mesmo de suas duas educações, a do colégio e a do bordel e que o esforço que ela fazia para esquecer a segunda levava-a a se lembrar demais da primeira. Em suma, comigo ela passava nos exames, com o outro... (DIANTE DE UM MOVIMENTO DE STEVENS) - Bem, bem, caro mestre, acalme-se! Mas confesse que foi pena! Uma vez que eu fui o culpado de levá-lo a Memphis e que uma coisa dessas

não se esqueça, absolutamente, teris sido de mais para justiça que eu recebesse compensações na intimidade, um pouco de lirismo, - entendo o que quero dizer? - que eu colhesse ao menos os frutos dessa brilhante educação horizontal que contribuí a dar-lhe, por interpostas palavras, a verdade. Mas não, eu era apenas o marido. Eu consentava em ser o marido e por conseguinte só tinha direito a uma virtude arrependida. E isso é muito pouco para esse mestre: não é nada engraçado uma virtude arrependida de um homem, enquanto uma puta de verdade é muito mais fogosa na cama.



STEVENS .

Gowan eu e esmurro, se você continua!

GOWAN

Vou continuar, sim, porque a virtude diz respeito a mim, ele era para mim uso exclusivo! (BRUSCAMENTE, ELE URRÁ E CHORA AO MESMO TEMPO, GRITANDO EM DIREÇÃO A TEMPLE)

- Com os outros, debaixo dos outros, ele se ativava, com a boca cheia de palavras sujas!

(STEVENS ATIRA-SE SOBRE ELE, GOWAN PÁRA-O E IMOBILIZA SEU BRAÇO).

GOWAN

Não se canse, Gavin! (IMPURRA-O PARA TRÁS.) - Depois de oito anos, voltar-me a coragem e a força. E vou usá-las para limpar minha vida a meu modo! (OLHA-OS E FALA DE MODO SURDO) - Eu odeio todos vocês! (RI SARCÁSTICAMENTE, A TEMPLE) - Adeus, boneca!

STEVENS

Comece por limpar a sua desagradável vaidade!

GOWAN

Também ela, pode estar certo. (DIRIGE-SE PARA A PORTA)

TEMPLE

(LEVANTANDO-SE BRUSCAMENTE) - Onde vai você?

GOWAN

Embebedar-me. A menos que, depois de oito anos, tenha esquecido como fazê-lo. Ou será que você tem outra sugestão?

STEVENS

Que é que você fez de Buck?

GOWAN

Ah, sim! O sobrevivente! Está em casa, com sua mulher. Não está seguro? Sua mulher também mata crianças? (DIRIGE-SE LURO, PARA A PORTA)

TEMPLE

Gowan! Não me abandone! (ELE NÃO RESPONDE, BAI) - Oh, meu Deus!

STEVENS

Venha.

TEMPLE

(SEMPRE SEM SE MOVER) - Amanhã. Amanhã, ainda amanhã!

STEVENS .

Sim, amanhã, será preciso recomeçar. Ele arrebentará de novo o carro e será preciso perdôá-lo durante oito anos até que encontre outra coisa para arrebentar. (TOMA-LHE O BRAÇO) - Venha, Temple, é muito tarde!

TEMPLE

(RESISTINDO) - Que disse o governador?

STEVENS

Disse não?

TEMPLE

Explicou por quê?

STEVENS

Ele não tem direito de agraciá-la?

TEMPLE

Não tem direito? Um governador de estado! A quem a lei dá plenos poderes para perdoar, ou para dar um "sursis"?

STEVENS

Se houvesse somente a lei, eu poderia alegar a loucura, em vez de trazer você até aqui!

TEMPLE

E trazer o pai também, embora eu ainda não compreenda como! (OLHA-O)
- Ah, era isto a válvula que escapava e a parada no posto de gasolina, para trocar a roda. Você lhe telefonou e ele teve tempo de vir! E tudo isto para nada, pela verdade, pela justiça, para nada, nada, já que de qualquer modo ele vai morrer!

STEVENS

O governador não falou de justiça. Falou de uma criança e do futuro e da hipótese de que você e Gowan fiquem perto do menino! Nancy não hesitou em sacrificar uma peça do jogo para salvar isto, e recorrer ao único meio de que dispunha, a sua própria vida degradada e perdida!

TEMPLE

Ea abandonou tudo, tudo, inclusive as crianças! Nancy lhe disse!

STEVENS

Nancy fez o que pôde para que você não abandonasse nada mais! Vai prová-lo sexta-feira de manhã!

TEMPLE

Sexta-feira! Oh, dia negro! Gavin! É o dia da desgraça! Ninguém, ninguém viaja nesse dia! Ah, se ele a tivesse agraciado, tudo teria acabado, Gowan poderia escorraçar-me, e eu poderia ir-me embora. Mas é tarde demais, para sempre. E agora, é preciso continuar, amanhã, amanhã e sempre...

STEVENS

Vamos, Temple! Vamos embora!

TEMPLE

(RESISTINDO). -- Diga-me exatamente o que ele respondeu. Não foi esta noite, eu sei... Ou teria dito ao telefone e não precisaríamos...

STEVENS

Há oito dias ele me disse!

TEMPLE

Quando você me telegrafou? Que foi que ele disse?

STEVENS

Que o derrisório crevilógio de sua função em nada pesava na balança, contra o insuportável gesto de Nancy. Que ele não podia sozinho anular o que ela tinha baseado, pagar com a sua pobre vida perdida e seu valor!

TEMPLE

(ATORDOADA) - Boa, também, boa e meiga! Assim, não foi nem mesmo na esperança de salvar-lhe a vida que eu vim aqui a essa hora? Não foi nem mesmo para envi-lo dizer que ele já tinha salvá-la, mas somente para me confessar a meu marido, confessar uma coisa que eu tinha passado o tempo a sofrer para que meu marido não soubesse. É isto, então, o sofrimento?

STEVENS

É isto e do fundo do coração eu lhe peço que me perdoe de tê-la trazido aqui. Mas era preciso, para que Nancy não ficasse só, para que seu gesto, mesmo louco, seja útil e siva ainda, além de sua morte, para proteger um menino e salvá-lo do abandono. Foi isto que você veio fazer aqui?

TEMPLE

Sim. Então eu o fiz. Podemos voltar para casa, agora?

STEVENS

Sim. E iremos ver Nancy?

TEMPLE

Iremos vê-la e dizer-lhe que ela será enforcada.

STEVENS

Ela não quer ser agraciada. Mas talvez não possa impedir-se de esperar.

TEMPLE

Nós iremos vê-la. Faremos também isto.

(ELA SE DIRIGE PARA A SAÍDA, CAMBALEIA, PARECE TROPEÇAR, AVANÇA AINDA UM POUCO. STEVENS QUER DAR-LHE APOIO. TEMPLE SE DESVENCILHA DE SEU BRAÇO E CONTINUA)

TEMPLE

(SEM SE DIRIGIR A NINGUÉM, AUSENTE) - Para salvar minha alma... se é que eu tenho alma... se é que há um Deus para salvá-la... e se é que ele deseja ao menos salvá-la...

F I M D O S E X T O
Q U A D R O

S É T I M O Q U A D R O

(INTERIOR DA PRISÃO, DIA 12 DE MARÇO, DEZ HORAS E MEIA DA TARDE. A PORTA DA SECRETARIA DA PRISÃO, NO PRIMEIRO ANDAR, À ESQUERDA, DE PESADAS GRADES, DÁ ACESSO À SECRETARIA. UM ASSOALHO FORTEMENTE GRADEADO, NA PAREDE DO FUNDO, DANDO PARA A RUÍLA, ESTAMOS NO MEIO DE UMA MANHÃ DE UM DIA ENSOLARADO. A PORTA DA DIREITA ABRE-SE, COM O CHOQUE DUMA FECHADURA DE FERRO, RODA PARA TRÁS, STEVENS ENTRA, SEGUIDO DO GUARDA DA PRISÃO. O GUARDA ESTÁ EM MANGAS DE CAMISA, SEM GRAVATA E TRAZ O PORTA-CHAVES PRÊSO A UM ANEL DE FERRO, JUNTO DA PERNA, COMO UM CAMPEÃO TRAZ A LANTERNA. FECHA A PORTA ATRÁS DE SI - STEVENS PÁRA À ENTRADA. O CARCEREIRO FECHA A PORTA.)

SR. TUBBS.

Aqui estamos. Ven buscar a prisioneira.

STEVENS

Não. Espere até que chegue o senhor Cowen Stevens. O senhor deu as ordens?

SR. TUBBS

Sim. Minha mulher indicará o caminho. Além disso, posso esperá-lo no escritório.

STEVENS

Não. Diga-me antes como está a prisioneira.

SR. TUBBS

Uma imagem, senhor advogado! Quêta como uma imagem. "Sim, senhor." "Não senhor." Quem havia de acreditar que essa negra inunda assassina...

STEVENS

Ela lhe disse que nos esperava?

SR. TUBBS

Não. Para mim, ela se prepara.

STEVENS

Prepara-se?

SR. TUBBS

De acôrdo com o regulamento. Amanhã de manhã. Uma formalidadezinha como esta exige reflexão. A prove é que ele pediu ao padre.

STEVENS

Não lhe falou da possibilidade de ser agraciada?

SR. TUBBS

Agraciada? Nenhum governador ousaria perdoar uma assassina de uma criança. Nossos concidadãos amam a justiça; porisa fogo à prisão. Além, e não ser ontem, o senhor a visitou todos os dias da semana. Se ele tivesse alguma coisa a dizer, diria ao advogado, não ao guarda. (OLHA STEVENS COM CURIOSIDADE.) - É verdade, doutor, que o senhor, anteontem de noite, sentou com os negros presos?

STEVENS

É verdade.

SR. TUBBS

STEVENS

Não. Mas isto me ajudava.

SR. TUBBS

Bem, doutor, afinal de contas a Constituição diz que somos todos livres. Mas então é preciso acreditar que todos têm necessidade de ser ajudados, porque não param de cantar, nem de noite. Isto não é uma prisão, mas uma sala de ópera. Aliás, todos barítonos. É monótono. Não sei se o senhor como eu, doutor, mas eu gosto dos baixos. Ache que a gente deve pedir ao "sheriff" para prender um baixo, para que a sala fique completa. O senhor também, doutor: o senhor é barítono.

STEVENS

Senhor!

SR. TUBBS

Pior! Eles dizem do senhor. "É um bom branco: ôle-canta." Os brancos mans, ao que parece, não cantam nunca. Eles têm lá suas idéias, não. É verdade, doutor? Sem contar que têm razão de ser gratos ao senhor. Afinal de contas, o senhor não somente defendeu uma negra, mas defendeu-a contra a sua própria família e aconteceu que essa boa negra é a assassina de sua sobrinha. Raramente se vê isto, e eu...

STEVENS

O senhor só tem negros aqui?

SR. TUBBS

Mais ou menos. Aliás, de fora o senhor pode ver as mãos deles.

STEVENS

As mãos?

SR. TUBBS

Sim. For entre as grades. Não é possível vê-los, mas vê-se as mãos negras, não batendo, nem se agitando, mas assim, apenas pousadas entre os intervalos das grades. Quando volto de cidade, de tarde, olho as janelas e conto as mãos. E aí fico tranquilo. Estão lá.

STEVENS

Eles ficam quietos?

SR. TUBBS

Sim, até hoje. E no entanto ôle lhe deu trabalho! O senhor se lembra?

STEVENS

Não.

SR. TUBBS

Como não? A mulher dele tinha acabado de morrer. Fazia 15 dias que se tinha casado. Ela a enterrou. E depois, procurou andar de noite pelo campo, para procurar e enganar o e sono. Nada... então, procurou embriagar-se para dormir, também nada...Então procurou brigar. Depois cortou a garganta dum branco, com uma navalha, durante um jogo de dados. Aí, sim, pôde dormir! Durante pouco tempo. Foi assim que o "sheriff" o encontrou, dormindo na varanda da casa que tinha alugado para se esconder, para viver, para a velhice. Infelizmente, o "sheriff" o acordou e o trouxe aqui; e de repente foi preciso o "sheriff", eu e mais cinco outros negros presos para derrubá-lo e segurá-lo enquanto o pre-

diziam com correntes e algemas! Ficou deitado no chão, e mais de meia dúzia de rapazes o seguravam, cansados, para impedir que ele se levantasse... E imagine o que ele dizia? Ele dizia: "Não posso parar de pensar, não posso parar de pensar".

STEVENS

E agora?

SR. TUBBS

Agora não pensa mais. Fica o dia inteiro com as mãos nas grades, sem olhar para fora. Fica olhando a parede. De vez em quando, muda as mãos de lugar entre as grades.

STEVENS

Ele canta?

SR. TUBBS

Não, esse não canta. Acabou. Tudo há está quieto. Na prisão, é engraçado, gosto mais dos negres do que dos brancos. Os brancos não estão nunca contentes. Têm sempre alguma coisa a reclamar. Criticam. Os negros, ao contrário, no fim de um ou dois dias, se instalam. Estão em casa.

(BATIDAS À PORTA. ENTRA GOWAN)

SR. TUBBS

Vem esperar a senhora Stevens. Bom-dia, senhor. (SAI)

GOWAN

Por que você pediu que eu viesse?

STEVENS

Antes de tudo, queria dar-lhe isto. (ESTENDE-LHE UM PACOTE DE CARTAS)

GOWAN

(OLHANDO O PACOTE) - Que é isto?

STEVENS

As cartas. Pediram-me que as entregasse a você.

GOWAN

Quem?

STEVENS

Que é que isto importa a você? Você sabe. Espero que você saiba o que fazer.

GOWAN

Você sabe?

STEVENS

Queimar sem ler.

GOWAN

Ler! (RI UM RISO MAU) - É claro, um cavalheiro não pode ler esse gênero de cartas, mesmo que seja para se informar dos seus literários de sua esposa. Mas será que eu sou um cavalheiro?

STEVENS

Você pode fazer a prova agora. Esqueça-se do cavalheiro. Basta ser um homem.

GOWAN

Você tem mesmo um ar de quem sabe e que é um homem! Felicitações!



Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Quanto a mim, tenho minhas dúvidas sobre o assunto.
(CAMINHA EM DIREÇÃO À PORTA) - Vou-me embora. Não quero encontrar Temple!

STEVENS

Queris pedir que n esperasse e ficasse e seu lado enquanto ela falasse com Nancy?

GOWAN

Absolutamente. Não quero ver nenhuma das duas!

STEVENS

Talvez Nancy ajude vocês.

Gowan

Não diga! A quê?

STEVENS

A perdoar e ser perdoado.

GOWAN

E ainda por cima você o que é o perdão! Com franqueza, você é um campeão!

STEVENS

(VIOLENTAMENTE) - Se depois de ter escutado e visto sua mulher durante a visita ao governador, você ao menos não sabe o que é sofrimento, é porque você é o último dos homens!

GOWAN

(OLHA-O SÚBITAMENTE, SEU AR É SUPLICANTE, SACODE A CABEÇA E FALA SURDAMENTE, SEM OLHAR STEVENS) - Se eu fosse o último dos homens, tudo estaria salvo. Mas não, eu sou um homem entre outros. (VOLTA-SE VIOLENTAMENTE) - Ah, não sei de nada mais, não sei de nada mais! (STEVENS VAI EM DIREÇÃO A ELE E TOMA-LHE O BRAÇO.)

GOWAN

Vou-me embora, Gavin. Faça perdão a todos!

STEVENS

Vê ver Bucky. Queima as cartas. Depois, talvez você volte!

(GOWAN HESITA, VAI SAIR, MAS A PORTA ESTÁ FECHADA. RUÍDO DE CHAVES. ENTRA O SR. TUBBS.)

SR. TUBBS

Desulpen, mas... (GOWAN AFASTA-SE E SAI, O SR. TUBBS DIRIGE-SE A STEVENS.) - Vigoroso, o moço... Fechoi por hábito. Não havia desconfiança, creia, doutor!

STEVENS

Acredite!

SR. TUBBS

Mas aquele moço é desconfiado. Vê-se! Veja, ele tem razões para desconfiar. Olhe, eu tenho um tio que perdoa a mulher num acidente de automóvel. Pois bem: depois disso, desconfiava de tudo. Por exemplo: quando recebia um carta, ficava olhando, rodando na mão, sem abrir, sentava-se diante dela, com o testa franzida. "Que será isto, ainda por cima?", perguntava. Para encurtar: ficou desconfiado. Depois, adoeceu. Recusava os remédios, por desconfiança. E morreu! Acredite no que eu digo, doutor:

um pouco de confiança ajuda a viver!

STEVENS

(ENFADADO) - Gostaria que o senhor fôsse receber a senhora Stevens?

SR. TUBBS

De certo... Pobre senhora...

(BATEM À PORTA. STEVENS TEM UM GESTO DE IMPACIÊNCIA E VAI CORRER PARA TRÁS DA PORTA.)

SR. TUBBS

Bem-dia, senhora Temple! Esteja em sua casa! É um modo de dizer. O que quero dizer é que estou contente de recebê-la! Quer que minha mulher lhe traga um xicarã de café?

TEMPLE

Obrigada, Sr. Tubbs! Podemos ver Nancy agora mesmo?

SR. TUBBS

Decerto! Ela ficará contente de vê-la! Acho que ela deseje lhe pedir perdão. É preciso que ela se sinta bem. Para amanhã. (SAI À ESQUERDA)

TEMPLE

(A STEVENS) - Pedir perdão? A mim? Como é que pode se dizer uma coisa dessas? Fale... Como?

(NANCY ENTRA PELA PORTA DO FUNDO, SEGUIDA DO SR. TUBBS. NANCY PÁRA A DOIS PASSOS DA PORTA, ESTÁ VESTIDA COMO NO ATO ANTERIOR.)

SR. TUBBS

Pronto, doutor! Fiquem à vontade!

STEVENS

Não vamos demorar!

(O SR. TUBBS SAI; NANCY, IMPASSÍVEL, OLHA OS VISITANTES.)

TEMPLE

(VAI EM DIREÇÃO A NANCY, TOCA-A E DEPOIS PÁRA.) - Nancy! Você está aqui, veja, e eu venho da cidade... Você ficará aqui, e eu andarei livre pelas ruas!

NANCY

Assim é que deve ser. (A STEVENS) - O senhor deu as cartas ao senhor Cowen?

(TEMPLE VAI FALAR, MAS STEVENS CORRE A PALAVRA)

STEVENS

Sim, exatamente como você pediu!

TEMPLE

(ATORDOADA.) - Você lhe deu as cartas? Por que? Para que mais essa insubordinação?

NANCY

Para que ele queima!

TEMPLE

Ele já as leu...

NANCY

Não leu! Já queimou!

TEMPLE

Ninguém, no seu lugar, deixaria de lê-las. Eu o sei. Vejo claro agora!



Agora temhe os olhos abertos.

NANCY

Há talvez uma porção de coisas que êle é capaz de fazer. Mas esforçando, êle não pode ler as cartas que sua mulher mandou a outro homem. Êle queimou.

TEMPLE

Você mente! Como é que você pode mentir, aqui, aqui?

STEVENS

Chega, Temple! Aqui, justamente, éia preciso que você a escute!

NANCY

Se êle tivesse lido, teria ido embora, para toda a vida. Há palavras, assim, que a gente não pode esquecer. Mas êle queimou logo. Êle não deixará você mais, você nam Bucky. Só se você for embora.

TEMPLE

Não posso fazer mais nada, nada, nunca mais! A única coisa que decidi sozinho foi vir da Califórnia. Mas era tarde demais!

NANCY

Sim, mas, de qualquer modo, você veio, ontem... E eu sei onde vocês dois foram... (APONTA STEVENS COM O DEDO.) -- 'Os dois! Foram ver o prefeito. Que é que êle disse?

TEMPLE

Oh, meu Deus! O prefeito! Não, o governador, em Jackson! Naturalmente, você percebeu, quando viu que o senhor Gavin não estava aqui ontem, não é verdade? A única coisa que eu não pude saber foi que o governador, o senhor Gavin e eu mal falamos de você. O motivo pelo qual nós fomos vê-lo não era para suplicar, para convencer, mas por que êsse era direito, meu dever, meu privilégio... Não me olhe, Nancy!

NANCY

Não estou olhando. Aliás, está tudo bem. Eu sei o que o governador respondeu. Eu podia ter dito ontem de noite para poupar a viagem. Eu devia ter mandado um recado, assim que soube que você tinha voltado, desde que eu soube que você e êle...

(NOVAMENTE, NELA MOSTRA STEVENS COM O DEDO, E COM UM MOVIMENTO DE CABEÇA, COM A MÃO DOBRADA ATRAVÉS DO ESTÔMAGO, COMO SE TROUXESSE AINDA O AVENTAL.)

NANCY

Sim, eu devia ter evitado a viagem, essa dor. Não fiz, Mas tudo está muito bem...

TEMPLE

Era preciso fazer essa viagem. Se eu não fôsse lá, se eu não tivesse falado... êles te enforcariam da mesma maneira. Por que é que você não falou?

NANCY

Não sei. Porque, de qualquer modo, eu esperava. Um milagre, talvez? Mas por que haveria de haver milagre para mim? Eu esperava, sim! Isto é que é o mais duro, a gente não pode deixar de esperar. É a última coisa que o pobre peçador pode abandonar, talvez porque é tudo



que ele ainda possui. Ele se agerra, se agerra... Mas agora, não há mais milagre, não há mais esperança. É melhor. Está bem assim...

STEVENS

É melhor, mesmo, Nancy?

NANCY

Sim. A gente não precisa de mais nada. Só acreditar. (COMO SE A INTERROGASSEM.) - Só acreditar. Agora eu sei, eu sei o que o governador disse. E estou contente. Eu aceitei isto há oito meses, no tribunal, diante do juiz. E mesmo antes, até naquela noite, no quarto das crianças, antes de levantar a mão...

TEMPLE

(CONVULSIVAMENTE.) - Cale-se!

NANCY

Eu me calo. Eu me arrumo com o nosso irmão!

TEMPLE

Nosso irmão?

NANCY

O irmão das putas e dos ladrões, o amigo dos assassinos. Aquêlo que mataram no mesmo tempo que o ladrão e o assassino. Eu não compreendo de tudo o que ele disse. Mas gosto dele porque mataram ele!

TEMPLE

Ele te ajudará, talvez, a morrer. Mas como me ajudará a viver? Eu sei o que devo fazer, sei o que é preciso fazer.

Descobri isso naquela noite, também, no quarto das crianças. Mas, como fazer? Não sei. Para mim, seria fácil morrer. Mas devo viver. Como?

NANCY

Tenha confiança!

TEMPLE

Confiança em quem? Veja o que nos fizeram, a você e a mim. Se você quer dizer que eu devo me humilhar diante de alguém, é diante de você, de você só, que quero fazê-lo. (DOBRA OS JOELHOS CANGRESTRAMENTE.)

NANCY

Levante-se. A patroa não deve ajoelhar-se diante da empregada. Além disso, há um patrão de que você é a empregada!

TEMPLE

Não sou empregada dele. Não quero servir a esse patrão que obriga você a morrer porque eu decidi há oito anos fugir com Gowan!

NANCY

Você fugiu porque gostava do que é aqui, como eu. Nós óramos assim. Ele não pede impedir a gente de querer o mal. Mas, para compensar um pouco, inventou o sofrimento, que é a verdadeira luz do pobre mundo. Tenho confiança nele!

STEVENS

Você tem razão, Nancy. Você deve ter confiança!

NANCY

Obrigada, senhor Stevens. O senhor diz isto porque pensa que assim as

coisas vão ser mais fáceis para mim, amanhã. Mas eu não falo por causa de amanhã, porque se falasse ia ter medo do mesmo jeito. Eu digo isto porque sei que nesse instante não salvará.

TEMPLE

(LEVANDO-SE, ATORDOADA.) - Ele nunca salvou ninguém! Nem mesmo ele próprio! Eles vão te levar, vão te fazer mal e você se!

NANCY

Não esqueça. Mas até uma assassina pode ser perdoada. Há um lugar para isto, eu sei. Quere ir até lá?

TEMPLE

Você irá lá! Eles perdoarão você dentro de terra!

NANCY

Não é dentro de terra. Há um lugar, algum lugar, onde sua filhinha não se lembra de nada, nem mesmo das minhas mãos.

TEMPLE

Há um lugar, sim, há um lugar e aí você encontrará também a sua filhinha. Aquela de quem você me falava, que você trazia dentro de você havia seis meses, quando você foi se divertir e o homem te deu pontapés no ventre, e você a perdeu. Haverá um lugar no mundo, diga, diga, onde os nossos filhos filhos nos possam perdoar? Haverá um lugar no mundo onde se possa finalmente cessar de sofrer e de morrer?

NANCY

Sim.

STEVENS

Foi o pai que lhe deu pontapés no ventre quando você estava grávida?

NANCY

Não sei.

STEVENS

Não bateram em você?

NANCY

Sim. Mas eu não sei se era o pai. Não importa quem tenha sido o pai.

STEVENS

Não importa?

NANCY

Sim, senhor Stevens. Mas eu serei perdoada por isto também.

(TODOS SE IMOBILIZAM AO RUÍDO DE PASSOS QUE SE APROXIMAM. RUÍDO DA FECHADURA. O SR. TUBBS ENTRA.)

SR. TUBBS

Tudo bem, doutor?

STEVENS

(OLHA NANCY) .. Sim. Tudo bem. Adens, Nancy. Fize tudo que pude.

(ELA ACOMPANHA O SR. TUBBS EM DIREÇÃO À PORTA DA ESQUERDA.)

TEMPLE

(ATIRANDO-SE DIANTE DELA.) - Não me deixe sozinho!

NANCY

Você não está sozinho! (ESPERA, O OLHAR FIXO DIANTE DE SI. DEPOIS,



Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

BRIDANESTE:)

"Ele é o rio e o rochedo.
Ele inverte e ocorrerá nossas chagas.
Ele nos libertará do tormento de morte."

(FRANCY SAI ATRÁS DO CARCEREIRO. A PORTA DE FERRO BATE, NAS CORTIAS, UMA CHAVE RODA NA PECHANHA. DEPOIS O CARCEREIRO REAPARECE, DÁ VOLTA À CHAVE, FECHA A PORTA, ESPERA.)

SR. TUBBS

Pois é, doutor. Ela começa esta noite um longo caminho. E difícil! Ainda bem que não é o nor.

(ELE ESPERA, SEGURANDO A PORTA; TEMPLE ESTÁ DE PÉ; PERMANECE IMÓVEL ATÉ O MOMENTO EM QUE STEVENS LHE TOCA O BRACO. AI ENTÃO E LA SE MELIXE, GAMBALHEIA UM INSTANTE, MUITO POUCO, RETORNA-SE, TÃO RÁPIDAMENTE QUE O CARCEREIRO MAL TEM TEMPO DE ADIANTAR-SE PARA ELA, PARA REPARÁ-LA.)

SR. TUBBS

Vamos, vamos! Sente-se no banco! Vou buscar um pouco d'água!

TEMPLE

(JÁ DOMINANDO-SE.) - Estou melhor!

(CAMINHA PARA A PORTA, COM PASSOS FIRMEZ. O CARCEREIRO OBSERVA-A.)

SR. TUBBS

Tem certeza?

TEMPLE

(ANDANDO AGORA COM PASSOS MAIS SEGUROS, EM DIREÇÃO A ELE E À PORTA.)
- Desolado.

SR. TUBBS

Oh, por favor! É muito natural. Não sei como é que uma pessoa - não mesmo essa negra estranguladora - pode suportar o fedor que faz aqui!

TEMPLE

(CAMINHANDO) - Não importa quem saia, para se salvar e para me ajudar. Não importa quem, para não estar mais só, sobre a terra imortal, com esta coração vão, com este coração salvado e para enfim fechar os olhos, sem fechar os olhos...!

(GIRTA-SE A VOZ DE GOWAN)

GOWAN

Temple!

(TEMPLE E STEVENS SE IMOBILIZAM; ENTRA GOWAN, VAZ EM DIREÇÃO A TEMPLE E REPERCUTE A MARCHA, RESATA, DEPOIS DECIDENTE:)

GOWAN

Vamos, Temple, é hora de voltar!

TEMPLE

Voltar? Para onde?

GOWAN

Para casa. Coragem! Bucky nos espera.

TEMPLE

Com você. Mas, por que não? (JÁ SE DIRIGE PARA A PORTA)

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fones: 226.0242 - CEP 90020-025